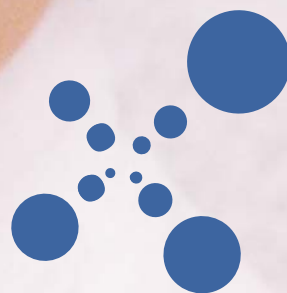


3



Pensamento
Biocêntrico
REVISTA ELETRÔNICA

Pensamento Biocêntrico

Revista

Pensamento Biocêntrico

Número 03

Abril/junho 2005

Trimestral

ISSN 1807-8028

Pensamento Biocêntrico	Pelotas	Nº 03	p - 1-96	Abr/Jun 2005
------------------------	---------	-------	----------	--------------

CORPO EDITORIAL

Agostinho Mario Dalla Vecchia
Cleber Castilhos
Gastón Andino
João Carlos Vieira Machado
Lilian Rose Marques da Rocha

SUMÁRIO

EDITORIAL	7
AS LINHAS DE VIVÊNCIA Sanclair Lemos.....	9
CONSTRUÇÃO DE VÍNCULOS INTER-PESSOAIS E CONSTITUIÇÃO DE GRUPOS Liane Keitel.....	21
PROTOVIVÊNCIA E VINCULAÇÃO ARQUETÍPICA EM BIODANZA Nilza Solange Almeida de Quadros	45
GENERO MASCULINO NA BIODANZA Gaston Andino	61
EDUCAÇÃO BIOCÊNTRICA: UMA EXPERIÊNCIA... Márcio Xavier Bonorino Figueiredo	69
CRIADOR Agostinho Dalla Vecchia.....	91

EDITORIAL

Contradigo-me? Pois bem, contradigo-me! Sou amplo,
contenho multidões”
Walt Withman

Estamos vivendo a emergência de uma nova forma de ser e de viver centrada na vida. A surpreendente fecundidade do pensamento biocêntrico, originário da vivencia do Princípio Biocêntrico, nos impulsiona a buscar formas de pesquisa e de divulgação científicas, que permitam mais e mais pessoas terem contato com a visão Biocêntrica e suas possibilidades de ação e de transformação humanas.

As novas formas de comunicação que permeiam o planeta permitem optar por este instrumento eletrônico para a criação de um periódico de caráter científico: uma revista de divulgação dos trabalhos de pesquisa do Grupo de Pesquisa CNPQ - A Teia da Vida.

Nossa motivação original para esta ação está em nossas vivências de grupo propiciadas pelo Sistema Pedagógico e Vivencial da Biodanza. A evolução do Sistema em diversos continentes, num processo criativo crescente, está permitindo operacionalizar a atuação da Biodanza em áreas como a saúde, educação, organizações, família, etc.

A Biodanza apresenta um inconfundível potencial de mobilização e de transformação humana, na expressão e no amadurecimento da identidade dos participantes dos grupos. A Biodanza, por sua natureza e por seu reconhecido potencial está exigindo um avanço de qualificação pela expressão mais ampla de seu conhecimento científico. Sua exigência é integrar e ultrapassar o pensamento cartesiano, linear, mecanicista para ingressar no novo

paradigma do pensamento biocêntrico. Servindo-se do pensamento sistêmico, a partir da concepção da realidade em rede, a Biodanza e seu modelo teórico ultrapassam uma visão de totalidade fechada. A totalidade da realidade é concebida como um todo vivo, orgânico e em permanente processo de evolução, rompendo sempre as fronteiras da totalidade do pensamento e da ação.

O pensamento biocêntrico é, por sua natureza, um pensamento sempre aberto, inacabado e em permanente expansão. O universo, unificado pela vida, se constitui de uma teia de relações em permanente pulsar na expansão criativa e no movimento entrópico que finaliza o ciclo de existência de cada realidade. A partir do caos renova-se o processo negentrópico da vida na formação de novas realidades. A idéia do movimento complexo e orgânico da realidade, permeada pela vida e pelas suas características pede um pensamento coerente e que expresse essa realidade captada vivencialmente, através dos potenciais humanos e elaborado racionalmente.

Nosso periódico terá publicação diversificada, priorizando os artigos científicos, os ensaios, os resumos, as poesias que expressam o pensamento biocêntrico. Os autores serão todos ligados a essa forma de pensamento, membros do grupo ou da comunidade de Biodanza.

Por que a diversidade das formas de expressão do pensamento? Porque é assim que surgem as variadas manifestações da vida. Porque não é somente a racionalidade lógica que expressa a realidade. Os fundamentos da ciência podem estar na filosofia, na poesia, nas vivências e nas formas significativas de expressar o pensar. Essas formas de saber não são menos radicais e válidas que o pensamento científico. Às vezes são o único meio para expressar um conhecimento mais radical do ser.

O periódico a princípio será publicado a cada três meses, podendo mudar a periodicidade. O Grupo de Pesquisa A Teia da Vida é o responsável pela revista, no seu corpo editorial. Cada autor é responsável por seus escritos.

Equipe Editorial

AS LINHAS DE VIVÊNCIA

Sanclair Lemos¹

RESUMO

O presente artigo nos mostra como a Biodanza é um caminho vivencial para o desenvolvimento humano. Desde que o ser humano nasce tem todo o potencial genético único qual sua expressão diferenciada se permitida através do desenvolvimento das linhas de vivência. A linha de vitalidade relacionada com o ímpeto vital, que têm como base o instinto de sobrevivência. E nos permite colocarmos no mundo como ser humano responsável por seu momento e por suas ações. A linha da sexualidade se reflete na capacidade de sentir desejo e expressar o prazer através dos sentidos, a sensualidade e erotismo que envolvem a chave do contato e a carícia. Na linha de criatividade surge a nossa capacidade inata de exploração de procurar estar no movimento de vida criando-nos a nós mesmo, auto-poyeses. Na linha da afetividade é a força ou energia que nos conecta e vincula com todos os seres humanos. A emoção básica de essa rede de vínculos é o amor. A linha da transcendência que é capacidade sentir-se parte de um todo maior, uma unidade psicossomática que tem a capacidade de incluir em si unidades maiores e dentro dessa diversidade, permanecem como uma unidade. Outro ponto são os

¹ Facilitador Titular Didata de Biodanza

ecofatores o estímulo externos que podem estimular o inibir e desorganizam a expressão do potencial. Estas linhas de vivência se movimenta em uma pulsão polarizada de expansão e recolhimento que o ser se expresse. A expressão e integração das linhas no movimento integrado de expansão e recolhimento, permite ter acesso ao êxtase, a vivência de sentir a vida por inteiro desdobrando-se no inefável eterno momento presente.

PALAVRAS-CHAVE

Linhas de vivência; vitalidade, se-xualidade, criatividade, afetividade e transcendência; ecofatores, pulsação da identidade êxtases de vida.

PALAVRAS INICIAIS

Somos os herdeiros da história evolutiva da humanidade e do desenvolvimento da nossa espécie. O desenvolvimento físico, o desenvolvimento motor, o desenvolvimento psicológico e o desenvolvimento social, além dos padrões filogenéticos de comportamento. No ato da fecundação recebemos, como um presente, todo o potencial de desenvolvimento da humanidade. Como uma dádiva, surgimos na existência a partir mesmo de todo o potencial e todas as conquistas da humanidade.

Esse potencial, impresso em nossas célula, em nossos genes, começa a se expressar a realidade (vivida) a partir do nascimento (e talvez antes). Cada um traz em si uma nuance, uma combinação única e particular desse potencial humano, cada ser humano é expressão diferenciada e única dessa totalidade a qual podemos chamar de potencial humano ou humanidade.

Essa humanidade se expressa então, na realidade particular de cada um através do que R. Toro chamou de linhas de vivência.

A primeira linha de vivência é a Vitalidade, está relacionada com o ímpeto vital, desenvolve-se a partir da organização biológica

e do instinto de sobrevivência. O desenvolvimento dessa linha de vivência relaciona-se diretamente com as primeiras experiências da criança no que diz respeito à sua expressão através das experiências de movimento. O movimento é a expressão básica da vida e surge inicialmente em função da necessidade de sobrevivência do organismo, brota do instinto de sobrevivência, que leva o organismo a mover-se no sentido de permanecer vivo. A criança se deixada à vontade em um ambiente nutritivo e estimulante, buscará a satisfação e a expressão de si mesma através do movimento. A presença ou não de movimento como protovivência, que são as primeiras vivências que experimenta o organismo e lançam as bases para a conseqüente organização e desenvolvimento vivencial, é que vai estimular ou inibir a expressão do organismo como vitalidade e ímpeto vital.

A Vitalidade relaciona-se à alimentação e ao desenvolvimento da seletividade alimentar. O organismos saudável alimenta-se daquilo que nutre e cura, alimentos ricos em sabor e nutrição, e ingere a quantidade necessária vê suficiente de alimentos saudáveis e nutritivos.

Quando integrado a partir do movimento vital e da alimentação, organismo pouco ou nada necessitará tomar de remédios. A alimentação adequada e a alternância entre trabalho e repouso são as expressões básicas de vitalidade do organismo humano, ou seja, da pessoa. Com a vitalidade equilibrada, o ser humano como quando tem fome, bebe (água) quando tem sede, dorme quando tem sono e busca a satisfação dessas necessidades naturais de maneira instintiva, natural. A cultura, no entanto, promove regularmente alterações nesse movimento equilibrado. À criança, por exemplo, é ensinado que deve comer o que não gosta, em horas determinadas e não quando sente fome. Aos poucos, ela já não sabe mais o que quer, vai perdendo a organização e a capacidade seletiva, sente dificuldade em realizar uma escolha ou em tomar uma decisão. Lembremo-nos que essa criança pode ser cada um e todos nós. Vitalidade é a capacidade de colocar-se no mundo como ser humano autônomo, responsável por seu movimento e por suas ações.

A segunda linha de vivência que se desenvolve do potencial humano é a Sexualidade, que se refere à capacidade de sentir

desejo, ser capaz de sentir e expressar o prazer (dos sentidos), a sensualidade e o erotismo. Essa linha de vivência evolui a partir do contato e das carícias que a criança recebe desde o nascimento.

Estímulos prazerosos aos sentidos (sensuais) são também fatores significativos para o desenvolvimento da linha de vivência da sexualidade – comer uma fruta, tomar chuva, mergulhar nas águas do mar, andar descalço, rolar na terra, caminhar em meio a flores...

Essas sensações prazerosas, o contato corporal sensual com a mãe durante o ato de mamar ou durante o banho, permitem que a criança se perceba como um organismo inteiro, completo, capaz de sentir, sentindo sensações que significam a percepção de si e do mundo como fonte de prazer (e organização).

Muitas mães e pais sentem medo e desconforto frente à sensualidade e ao erotismo dos filhos. Afastando-se e negando e vivência prazerosa e sensual, esses pais e mães negam à criança o acesso (a vivência) à percepção e compreensão de si mesmo como um ser corpóreo, sensual, e erótico. A criança vai, então, descobrindo a sexualidade nas ruas de maneira inadequada, ou na escola de maneira mecânica e racional. Sob uma frágil capa de liberdade sexual, a cultura, a sociedade, aceita e reprime a pornografia, a exploração sexual precoce desordenada, fruto da repressão, do preconceito, da ignorância e da falsa moral dita religiosa.

A carícia tem a capacidade de regular o sistema neurovegetativo e de organizar o funcionamento dos órgãos. A carícia e o afeto são reguladores do sistema vivente, seja na aprendizagem escolar ou do movimento, além de promoverem a integração das demais linhas de vivência.

A energia da vida expressa-se também, nos diz Rolando Toro, como uma busca pelo novo, como uma busca pelo novo, como Criatividade, que é a linha de vivência que surge da capacidade inata de exploração que tem a criança. O ato de explorar está intimamente ligado ao ato de movimentar-se, mover-se na realidade vivida. A criatividade conecta-se assim, de maneira indissociável com a vitalidade.

Criatividade é o ato de criar a si próprio, enquanto ser que vive e existe no mundo, a cada momento mover-se no novo,

modificando-se no fluxo do mundo que se modifica constantemente. Como um rio, o movimento da vida (cotidiana mesmo) renova-se eternamente. Nosso existir se dá nesse fluxo de transformação, de autocriação e autoorganização.

As formas que percebemos, inclusive a nossa própria forma corporal, não são estáticas, mas o estado atual de um fluxo de energia e movimento. Nós somos em expressão e movimento; a criatividade é, também, nossa natureza. Então, na medida em que nos identificamos com uma certa idéia, uma certa forma de ser, diminuimos a possibilidade de ser fluídos na renovada expressão daquilo que se é. A criatividade pode expressar-se de muitas maneiras – a poesia, o trabalho científico, a música, o canto, a dança...

É certo que nem todas as pessoas cantam, tocam um instrumento ou pintam. Estariam essas fadadas à não criatividade? A essência da criatividade é criar-se a si mesmo, auto-poyese de H. Maturana e F. Varela. A expressão desse ser-criativo-por-natureza vai depender, em larga escala, do meio e do ambiente em que cada um vive. Se o meio físico e o ambiente afetivo – emocional permitem, a criança poderá “aprender” a ser criativo através de estímulo para a exploração e para a expressão, seja pela voz, pela palavra, pelo desenho, pela escrita, por um instrumento musical, ou pelo próprio movimento corporal.

A criatividade se desenvolve, naquele que é capaz de sentir e eu expressa o que sente, pois no ato de expressar-se a pessoa se modifica modificando e criando.

O instinto de exploração de busca de novos estímulos, novas sensações e vivências nos levam a sentir e, de alguma maneira possível expressar a maravilha que sentimos frente ao universo. Se somos capazes de sentir-expressar (sentir evoca movimento, que já é em si, expressão) de maneira presente já estamos nos modificando, movendo-nos e criando com o mundo.

O potencial pleno da vida, inscrito no potencial genético do ser humano, se expressa também como Afetividade. Afetividade é a força ou energia que nos conecta e vincula com todos os seres. A essa emoção de conexão e vinculação com os outros membros da espécie ou com a totalidade da vida chamamos amor. O amor nasce em situações de harmonia, segurança, confiança e respeito.

Considerar o outro como um ser íntegro, respeitá-lo pelo que é, mesmo em sua singularidade e em sua diferença. É verdade que conviver com alguma diferença seja difícil, o desconforto com a singularidade do outro revela nossa limitação e nosso preconceito. Aprendemos que o “diferente” significa “errado” e conseqüentemente “mal”. Do “mal” nos defendemos, pois a diferença que não compreendemos nos causa medo. Para manter nossa “segurança” agredimos, então, a fonte do desconforto, o diferente, aquele que nos revela nossa limitação e a quem tememos, simplesmente por não ser como nós próprios – em aparência, idéias, maneiras, raça, etc.

Se não somos capazes de conviver, ou melhor ainda, vincular-nos em meio às diferenças, então não somos capazes de amar. O amor pelo que é igual a nós próprios é o amor por nós próprios. O amor como sentimento indiferenciado de vinculação fortalece nossa própria singularidade de seres diferenciados e únicos dentro da unidade do todo e do semelhante.

Aqueles que trabalham com crianças devem atentar para o fato de que o fundamental para a criação de uma relação pedagógica, uma verdadeira relação de ensino-aprendizagem, é o amor. O afeto, a relação afetiva (respeito e contato) é a aprendizagem a todos os envolvidos na relação. Quem sabe, a única maneira de se ensinar algo (para crianças ou adultos) seja estabelecer uma relação de segurança, de confiança e de amizade com o aluno em um ambiente estimulante, lúdico e criativo.

A partir da sensação básica de confiança, pode se desenvolver a amizade e o afeto verdadeiro, mediador das relações de ensino e aprendizagem a que chamamos relação pedagógica. Surge aí também, dessa sensação básica de segurança (afetiva) e confiança, várias sensações e emoções relacionadas à percepção do outro como um ser pleno, e à nutrição e estímulo desse outro. A essas sensações damos o nome de amor, a possibilidade de conexão nutritiva entre indivíduos. Mas além de existir entre indivíduos da mesma espécie, o amor é a força que vincula todos os “portadores de vida”. Todos os seres vivos merecem a mesma consideração, respeito e amor. Pode parecer difícil considerar os seres vivos sem a lente deformante da ideologia ou da hierarquia, mas como nos ensina Rolando Toro; “é necessário uma cons –

consciência ampla e amorosa para perceber que somos primos das rãs“. H. Maturana, neurofisiólogo, estudioso da estrutura e funcionamento dos organismos vivos, diz que a consciência de uma ameba é da mesma qualidade da consciência de um homem. Obviamente, expressa a partir da estrutura e da organização de uma ameba. Sua proposta é que a vida se expressa e percebe a realidade em que vive e existe, de acordo com a estrutura e organização dos organismos que expressam essa vida. São várias as maneiras diferentes de perceber e expressar a vida – ameba, o gato, o cavalo, a árvore, o homem.

Os organismos são diferentes em estrutura e organização, mas essencialmente a vida que os anima é uma só.

Finalmente, Rolando Toro propõe que do potencial humano que brota do organismo biológico surge a capacidade de sentir Transcendência. Que é a capacidade de sentir-se parte de um todo maior, parte de unidades que se expandem e se organizam em sistemas cada vez mais amplos. Sentir-se como uma unidade indivisível, não uma mente que anima o corpo, mas uma unidade psicossomática que tem a capacidade de incluir em si unidades maiores e, dentro dessa diversidade, permanecer como uma unidade.

“Desiderata” é um poema encontrado em uma antiga catedral em Baltimore – USA. Um de seus versos diz que somos “filhos das estrelas e temos o direito de estar aqui”. Sabemos eu os átomos que formam as estrelas, as galáxias ou as folhas das relva são os mesmos átomos que compõem o nosso organismo. Quando o organismo se decompõe ou se transforma, esses mesmos átomos irão se reorganizar de outra maneira e assim pela eternidade verdadeiramente somos filhos da terra, filhos do universo, filhos das estrelas.

Essa é a vivência de transcendência, é necessário ampliar a percepção e a compreensão das coisas, ampliar nossa penetração vivencial para percebemos que a vida é mais ampla, complexa e maravilhosa do que estarmos acostumados e talvez prepararmos para perceber e sentir.

ECOFATORES

O modelo teórico de Biodanza propõe então, em seu eixo vertical, a existência de um potencial humano comum que se expressa na realidade através dos cinco canais de expressão chamados linhas de vivência. Esse potencial pode tornar-se expressão na realidade a partir do nascimento, ou até antes, a partir da concepção, se o organismo encontrar determinadas circunstâncias e fatores que permitam, estimulem e facilitem sua expressão. Alguns desses fatores são internos ao organismo, sua dotação biológica, condições alimentar, organização neurofisiológica, e são chamados cofatores. Outros são “externos” ao organismo, são fatores de seu ambiente que podem facilitar e estimular ou inibir e desorganizar a expressão do potencial.

Esses fatores do ambiente quando estimulam e facilitam a expressão das linhas de vivência (que são a maneira da própria vida se expressar) são chamados ecofatores positivos. Os fatores do ambiente, que de alguma maneira impedem ou distorcem a expressão da vida são chamados de ecofatores negativos.

Cada um de nós pode ter a compreensão daquilo que o organiza, que o integra e o faz mais leve, pleno e feliz; e também daquilo que o oprime, envenena e desorganiza, podendo eventualmente conduzir o organismo à doença e à morte; a poluição generalizada, o cigarro, a raiva, a inveja, etc.

Os ecofatores positivos e negativos são, então, parte do ambiente daqueles que convivem conosco. Como é a nossa relação com tudo aquilo que nos envolve? Em relação aos outros seres somos nós ecofatores positivos, estimulantes, ou somos ecofatores negativos, críticos, exigentes, tóxicos? O ecofator negativo tende a impedir ou alterar o desenvolvimento das linhas de vivência como um todo ou de alguma delas em particular. O ser humano é pleno e saudável quando as cinco linhas de vivência se desenvolvem de maneira harmônica e equilibrada.

A PULSAÇÃO DA IDENTIDADE

As ideologias, as crenças, os dogmas, podem exercer tal influência sobre a vida das pessoas a ponto de obstruírem a expressão desses potenciais inatos.

A Biodanza propõe que o desenvolvimento vivencial deve abranger todos os aspectos do ser humano, ou seja, a vitalidade, a sexualidade, a criatividade, a afetividade e a transcendência, pois todas elas se influenciam e potencializam mutuamente.

É certo que não sabemos até onde o potencial humano pode ser desenvolvido, mas isso não nos preocupa; o que nos ocupa é a vivência de cada momento presente em sua plenitude. Aí sentimos que o processo de integração e desenvolvimento é infinito, como a própria existência.

Cada um de nós, seres humanos, tem nas próprias mãos seu processo evolutivo. Vale dizer cada um é responsável por si e por sua vivência frente ao mundo. O facilitador de Biodanza não se coloca como agente de desenvolvimento. O agente de desenvolvimento é a vivência e esta ao pode ser transferida. A função do facilitador é criar situações que desafiem o participante e que permitam que ele experimente o limite de sua capacidade vivencial em uma situação positiva, acolhedora e afetiva. Na sessão de Biodanza criamos jatos de ecofatores positivos e os dirigimos diretamente para as linhas de vivência. A vivência de cada participante do grupo surge então a partir de seu momento existencial atual.

Nos grupos iniciais buscamos uma postura geral de integração dentro do grupo que envolve o estímulo de todas as linhas de vivência. Na vitalidade experimentamos o ritmo, o ímpeto vital, a alegria; na sexualidade experimentamos o contato, a carícia, a sensualidade e o erotismo; como criatividade vivenciamos a capacidade de renovação de nosso próprio movimento, não há um modelo de uniformidade a ser seguido; a afetividade está presente a todo momento permeado as relações interpessoais dentro do grupo; a transcendência está diluída na

capacidade de abertura e entrega, a si, ao outro, à vivência e na percepção de que cada um é o grupo. Quando nos encontramos com uma pessoa e logo em seguida com outra, levamos a qualidade do primeiro encontro para nosso encontro seguinte. Somos aí a integração de todas as pessoas com as quais nos encontramos e podemos levar toda essa riqueza a cada pessoa com a qual nos encontramos – na sessão de Biodanza ou fora dela.

Envolvendo esse turbilhão de energia que é a expressão das linhas de vivência, existe uma pulsação polarizada de expressão do ser, ou melhor dizendo, da expressão das linhas de vivência como energia de vida. Essa pulsação se dá de acordo com a polaridade de expansão e recolhimento.

Em sua polaridade de expansão nos sentimos como um “centro de percepção” do mundo. Somos o que somos e nos movemos na realidade diferenciados do mundo, com os limites corporais nítidos, temos aí a “consciência intensificada” de sermos nós próprios, o sistema biológico, através da estimulação do sistema nervoso autônomo simpático, encontra-se pronto para a ação, seja ela o trabalho, a luta ou a fuga.

Essa pulsação de expansão e recolhimento, ou yin-yang como a denominaram os taoistas chineses, parece ser a maneira de expressão do universo, a alternância das polaridades complementares. Logo podemos, por um ato da vontade ou da consciência penetrarmos em um estado que chamamos de regressão, no sentido de retornar à origem ou à essência. Nessa polaridade nos sentimos parte de um todo, nosso limite corporal não é tão nítido, o organismo (pelo estímulo do sistema nervoso autônomo parassimpático) volta-se para estados de reparação dos tecidos e órgãos e de nutrição. Essa vivência pode aprofundar-se até a percepção da unidade e a fusão que pode ser uma vivência de percepção sensível de si próprio, com o outro ou o êxtase com a beleza e força da natureza. Somos então seres que existem nessa polaridade, em determinado momento somos o que somos – diferenciados do mundo, em outro momento somos o que somos unidos, diluídos, fusionados parte do todo ou da unidade, somos o mundo.

A Biodanza, ao mesmo tempo em que estimula as linhas de vivência, fortalece a vivência de ser diferenciado do mundo, uma

Identidade que tem consciência intensificada de ser diferenciada do mundo e induz estados de regressão que, podemos dizer, é um estado de consciência intensificada de ser fusionado, ou parte do mundo. Através das vivências de regressão podemos atingir o que chamamos estados de transe, um trânsito, uma modificação no estado do organismo como um todo, que nos leva á vivência de transcendência.

O caminho para a transcendência são os estados regressivos e o estado de transe que é o aprofundamento daquele. No equilíbrio dinâmico dessa pulsação nos colocamos no mundo com vigor e coragem e nos abandonamos (nos abrimos) ao mundo com confiança e amor. Esse equilíbrio possui conotação psicológica além de fisiológica (no funcionamento do sistema neuro-vegetativo), revelando o dinamismo do sistema vivente humano.

De acordo com nossa percepção, o ser humano é uma Identidade, uma unidade diferenciada cuja essência é a própria vida, mas, que por diferentes motivos não se relaciona com a realidade (realidade cotidiana, realidade vivida) a partir do que é, mas sim a partir da imagem que tem de si mesmo, do que pensa ser ou da imagem idealizada para si, o que gostaria de ser.

O ÊXTASE DE VIVER

Por vias que nos são alheias perdemos o acesso ao êxtase, à vivência de sentir a vida por inteiro desdobrando-se no inefável e terno momento presente. O sentido da verdadeira vitalidade se esconde por detrás da mecanização dos movimentos e da exarcebada competitividade ou da passiva aceitação da vida em ímpeto do cotidiano. Os momentos plenos demasiado rapidamente se tornam memória e fantasia, a intensidade de viver exige energia e plenitude para que possamos perceber a imensa inteireza daquilo que nos toca viver no momento presente.

Podemos ir além dos mandatos parentais e da cultura que nos ensinaram que somos separados do outro e do mundo, reorganizar nossa percepção, perceber e sentir a unidade do movimento harmônico do todo em nosso cotidiano.

Somos parte da grande harmonia cósmica e é esse o movimento que conduz e organiza nosso existir como seres humanos. Se vivermos com tal integridade (inteireza) nossos movimentos se tornam parte da grande dança cósmica, nosso cotidiano se transforma em expressão arquetípica e a vida uma eterna possibilidade de aprendizagem, de vivência e de enriquecimento da consciência.

Aqui, nesse momento, sentimos e recobramos o sabor e o êxtase de viver.

BIBLIOGRAFÍA

MATURANA, H.; VARELLA, F. **El árbol del conocimiento**. Santiago de Chile: Editora Universitária, 1990.

PRIGOGINE, I; STANGERS. **Entre o tempo e a eternidade**. São Paulo: Companhia das Letras, 1992.

TORO, Rolando. **Teoria da Biodanza** – Coletânea de Textos. Fortaleza: ALAB, 1991.

_____. **Biodanza**. São Paulo: Editora Olavobras/Escola Paulista de Biodanza, 2002.

CONSTRUÇÃO DE VÍNCULOS INTER-PESSOAIS E CONSTITUIÇÃO DE GRUPOS

Liane Keitel²

Este trabalho consiste numa revisão teórica acerca dos processos de construção de vínculos nas relações humanas e sua função no desenvolvimento afetivo dos indivíduos, e como este processo se correlaciona com a qualidade e quantidade das relações estabelecidas nos grupos. A compreensão do processo de desenvolvimento das relações interpessoais se torna importante no processo Biodanza, pois segundo Rolando Toro, a mesma se objetiva justamente a oferecer vivências de qualidade afetiva que possibilitem novas formas de contato interpessoal, fundadas no amor e na ética e, por conseguinte a médio e longo prazo possibilitar a reparentalização, reorganizando formas de estabelecer os vínculos afetivos, que advém de matrizes muito primitivas de nosso desenvolvimento psicológico.

² Texto produzido a partir da monografia apresentada para Formação em Biodanza Escola Modelo Rolando Toro – Espumoso, RS

I - CONSTRUÇÃO DE VÍNCULOS INTERPESSOAIS

1.1. Contextualização histórica do Tema

A vinculação humana, segundo Zazzo (1973), é observado por Bowlby e Harlow (a partir de 1958), o primeiro observou e estudou a infância humana e o segundo a infância animal, de onde surgiu a Teoria da Vinculação - como um processo que funda as relações sociais e a afetividade dos homens. Inicia-se na vinculação mãe-bebê e trata das relações de ternura e amor nos homens, como base para seu desenvolvimento.

Anteriormente a isto as idéias dominantes eram de que a criança passa de um estado puramente biológico a ser social por aprendizagem. Miller, Dollard (1941 in Zazzo 1973), e Mussen e Cogar (1956 in Zazzo 1973), consideram a dependência emocional do lactente à mãe resultado de um reforço secundário³, provindo da satisfação da fome e sede. A dependência física produz pouco a pouco a dependência psíquica quando a mãe é associada à satisfação das necessidades. A satisfação fisiológica é que produz emocionalmente a necessidade do outro.

A Teoria Freudiana fundamenta-se no mesmo modelo: as pulsões⁴ têm por objetivo a satisfação, a redução de uma tensão. O bebê possui necessidades fisiológicas de fome e sede que necessita satisfazer, a mãe é o objeto para atingir o objetivo; o alimento. Este, ao ser fornecido ao lactente pela mãe com o tempo a torna objeto⁵ de relação, fundando um vínculo.

Fromm (in Zazzo 1973) entende que estas hipóteses de Freud acerca da busca primária de prazer do lactente e do humano

³ Conforme Zazzo (1973), os termos primário e secundário, tomados da teoria da aprendizagem, não designam uma ordem cronológica, não se referem, nem um nem outro, a nenhum período da vida. É primária uma tendência ou uma reação que se produz de modo autônomo; e secundária a que é derivada (duma tendência primária, dum sistema primitivo, por um processo de aprendizagem).

⁴ Energia psíquica, libido.

⁵ Entendendo objeto como um outro humano.

é uma construção produzida a partir de um modelo econômico e social, e não como algo da natureza humana:

[...] o mesmo assinala o homo sexualis de Freud a uma variante do Homo economicus clássico. É o homem isolado [...] que tem de entrar em relação com outrem a fim de, reciprocamente, puderem satisfazer as suas necessidades [...]. Nos dois casos, os indivíduos continuam essencialmente estranhos uns aos outros apenas ligados pelo objetivo comum da satisfação pulsional. (1973, pág 43).

Também Fairbairn e Melanie Klein a partir da Teoria das Relações Objetais criticam esta posição freudiana, colocando que “... a libido é essencialmente buscadora de objetos⁶ e não de prazer...” (cit in OSÓRIO, 1973, p. 20). Para estes autores a busca explícita de prazer é uma deterioração da conduta com fim apenas de alívio de tensão, revelando o fracasso em estabelecer uma relação satisfatória.

Harry Harlow, em experimentos⁷ com macacos rhesus, percebeu a importância do contato corporal com a mãe macaca, os macacos bebês diante de privações relacionais após buscar alimentação que provinha dos macacos de arame, preferiam o contato físico com macacos de peluche. Para Harlow (cit in BOLWBY, 1984), é o contato que assegura bem-estar, segurança e proteção.

Assim assume-se teoricamente que os vínculos são necessidades primárias. Estudos antropológicos em diferentes culturas confirmam a característica gregária dos humanos, que desde os primórdios vive em associações, facilitando a segurança, a reprodução, a sexualidade e a inibição da agressão⁸.

1.2. Os vínculos e as Relações Interpessoais no Desenvolvimento Ontológico do Indivíduo

⁶ Objetos para esta autora entende-se “O outro”.

⁷ Publicados a partir de 1958.

⁸ O fato de conhecer o outro inibe a agressão.

Eibesfeld (1973) não encontrou nenhum grupo étnico em que as mães não abracem, acariciem e beijem seus filhos encostando seu rosto no deles. Os comportamentos de ternura, como o abraço, o beijo, e o sorriso, desenvolvidos na relação mãe-filho são observados no trato entre os adultos. “... *em certo modo estamos pré-programados para o amor ao próximo...*” (EIBESFELDT, 1973, p. 179). Zazzo sintetiza da seguinte maneira:

[...] os etólogos, pela observação de pássaros e maníferos, descobrem, nas origens do comportamento animal, a reação de vinculação e de ternura, a necessidade absoluta de amor [...] assim se entrecruzam brutalmente as imagens do homem e do animal. (1973, p 28).

Bowlby (1984) percebe que já ao nascimento há uma quantidade grande, mas finita de sistemas comportamentais estruturados para vinculação que, através de processos de aprendizagem e integração, resultam em comportamentos sociais, que possibilitam a formação de símbolos e o desenvolvimento cultural de espantosa variedade e plasticidade.

A vinculação é um processo que se organiza a partir de pré-competências inatas no ser humano, de recursos psíquicos dos fetos e dos bebês contidos no genoma, para a interação. Estas aparecem em movimentos pré-organizados na forma de reflexos, como o sorriso, a sucção, a ternura, facilitando a proximidade com a mãe. Este vínculo tem uma função genética, a de proteção para a sobrevivência da espécie e desenvolve as relações que possibilitam o crescimento e desenvolvimento do indivíduo. Para Sá (1997) também a beleza dos bebês possibilita a proximidade, pois estes seduzem chamando atenção sobre si.

Associando as competências dos bebês a um ambiente com condições de adaptabilidade e disponibilidade para interação, organizam-se segundo Stern (1997), as experiências em ato das

relações mãe⁹ - bebe. As representações que a mãe tem da maternidade, do bebe e de si mesma agregarão diferentes qualidades afetivas a estas experiências relacionais, trazendo para esta nova relação sua própria história de filiação, um modelo de vinculação, de parentalização.

Nesta relação o corpo da mãe funciona como continente, que recebe o corpo do bebê como conteúdo, ao passo que o bebê se entrega ao acolhimento. Esta relação se estabelece em diferentes posturas, ao ser sustentado, nos balanceios em posição vertical. É um processo de assimilação e, sobretudo de acomodação entre o corpo da mãe e do bebê, onde o bebê gradualmente passa a usar sinais esperando uma resposta da mãe, abrindo um espaço comunicacional, de toques, contato, gritos-choros, sons olhares, sorrisos, as expressões motoras. Esta comunicação com reciprocidade tem o valor de um discurso por haver a decodificação de sinais (monólogos a dois, diálogo implícito).

Leboyer apud Rolando Toro coloca que:

Através do contato das mãos a criança capta tudo: o nervosismo ou a calma, a incerteza ou a insegurança, a ternura ou a violência. Sabe se as mãos o desejam ou se estão indiferentes. Ou o que é pior, se o recusam. Diante de mãos atenciosas, afetuosas, a criança se abandona, se abre. LEBOYER, apud TORO, 2002, p 146)

Segundo Bolwby (1984), inicialmente as pré-competências do bebê para a relação são comportamentos dirigidos a uma meta pré-fixada, através de padrões fixos de ação verificados no sugar, seguir, chorar, sorrir, focinhar, agarrar. Os mesmos são mediadores do apego e facilitam a sua organização, pois são desencadeadores dos comportamentos maternos da mãe, desempenhando papel importante nas fases iniciais da interação social.

Entre os 9 e os 18 meses desenvolvem-se sistemas comportamentais mais refinados, os padrões comportamentais corrigidos para a meta. O bebê já é capaz de utilizar esquemas cognitivos assimilando informações e corrigindo as ações para manter o contato desejado.

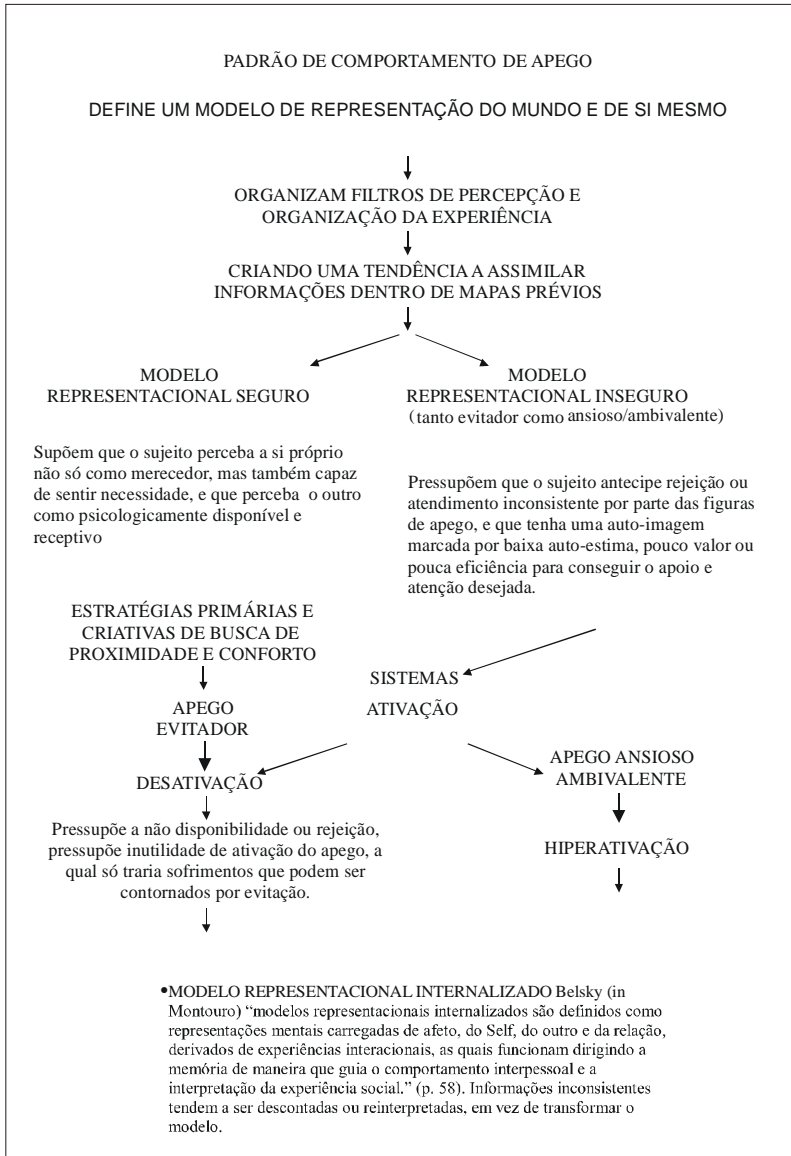
⁹ Entende-se mãe – ambiente.

Através da interação sócio-afetiva dos primeiros meses, constrói-se o caminho para o apego.

[...] os determinantes principais do curso desenvolvido pelo comportamento de apego de uma pessoa e o padrão pelo qual ele se torna organizado são as experiências que a pessoa teve com suas figuras de apego durante seus anos de imaturidade, quando bebê, criança, e adolescente [...] (BOWLBY, in MONTORO, 1994, p 45).

Mary Ainsworth, (projeto Baltimore, 1978), estudou díades mãe-filho recrutadas antes do nascimento e observadas durante todo primeiro ano de vida e os resultados destas pesquisas, confirmados por reaplicações, mostram três padrões típicos de relacionamento mãe-filho. Cada padrão de relacionamento pressupõe a internalização de uma organização ou aquisição de um modelo mental no bebê de doze meses, verificando a existência de um campo de interação mãe-filho com configurações próprias, uma estrutura interna, e organização de diferentes comportamentos em distintos contextos, desenvolvendo as capacidades de relacionamento interpessoal.

Estes modelos de comportamento foram motivos de estudos longitudinais, que se verificaram estáveis ao longo do tempo. Sroufe (1983), Matas, Arend, Sroufe (1978), in Montouro, concluíram que as qualidades que de início pertencem a uma relação, e dela emergem com o passar do tempo se tornam qualidades intrínsecas do indivíduo (conforme quadro a seguir). A natureza da figura para a qual o comportamento de apego é dirigido durante a infância tem, portanto, numerosos efeitos em longo prazo.



O processo de desenvolvimento dos vínculos, das relações iniciais funda matrizes representacionais de si do outro e do mundo, que funcionam como filtros para o estabelecimento da relação com os outros e com a realidade, expressa na afetividade.

Afetividade pode ser definida como um conjunto de comportamentos e seus processos complexos subjacentes, que criam e sustentam as relações sociais individuais, ligando entre si os membros de uma espécie. O termo afetividade implica que existam certos fatores comuns entre todos estes laços de afetividade social, mas também que cada uma destas afetividades aja parcialmente segundo variáveis diferentes. (Zazzo, pág 47)

Harlow (1974), descreve distintas afetividades, como sistemas de afeto interpessoal que se desenvolvem a partir vinculação mãe-bebê.

Sistema de afeto maternal. Sistema de afeto do bebê pela mãe.



Constituem o sistema de afeto infantil.

Sistema de afeto entre parceiros ou companheiros de idade, que pode se chamado de sistema de afeto entre companheiros de jogo.

Importante devido à sua influência no desenvolvimento de comportamentos sócio-sexuais normais.

Sistema de afeto heterossexual.

Nos primatas uma sexualidade normal dependia de anteriores relações normais de afeto, afeto maternal, afeto filho-mãe, afeto entre parceiros (sobretudo destes), Tanto nos homens como nos macacos as ligações psicosexuais vão além da simples cópula.

O ambiente, e sua capacidade de prover relações de qualidade e quantidade é essencial para o desenvolvimento social afetivo e cognitivo do indivíduo. A possibilidade materna de prover calor e receptividade no início da vida possibilita o desenvolvimento interno de sensações de confiança básica, denominado por Melanie Klein de “núcleo de bondade” do self, ao passo que a falta pode predispor ao isolamento autístico em idade

posterior. Decorrente para Winnicott (1988): [...] *A incapacidade materna de se adaptar na fase mais inicial não produz mais que uma aniquilação do self do bebê [...] (p. 496).* Com o desenvolvimento neuropsicomotor da criança, ela precisa ser encorajada pelas figuras paternas, a buscar e explorar o ambiente circundante.

Assim, as relações de apego, desenvolvidas a partir dos vínculos parentais iniciais possibilitam o desenvolvimento sócio-afetivo do ser humano, e também de matrizes de dificuldades sócio-afetivas.

Segundo Lebovici (1989) vários fatores podem funcionar como desencadeadores de perturbações nas relações precoces, o que implica na internalização de determinadas matrizes vinculares, que funcionarão como base para o estabelecimento de novas relações.

Keitel (1998), em estudo realizado acerca das interações precoces em relações mãe bebês, onde estes possuíam atrasos no desenvolvimento neuropsicomotor, verificou a estruturação de vínculos que possuem uma qualidade potencializadora do desenvolvimento, da mesma maneira que em determinadas configurações relacionais, as mães não são capazes de mediar adequadamente a evolução dos potenciais dos seus filhos.

As relações de apego, desenvolvidas a partir dos vínculos parentais iniciais, fundam matrizes para interações sociais e as distintas formas do homem viver o coletivo.

1.3. As Relações Interpessoais e os Grupos

O ser humano é um animal gregário. Não pode evitar ser membro de um grupo, ainda naqueles casos em que sua pertinência ao grupo consista em comportar-se de um modo que dá a sensação de não pertencer a grupo algum. As experiências grupais são as que permitem observar as características 'políticas' do ser humano não porque estas sejam criadas neste momento, mas sim porque é necessário que haja um grupo reunido para que estas características possam se manifestar [...] Bion sustenta o

ponto de vista de que nenhum indivíduo, ainda que esteja isolado, pode ser considerado como marginal em relação a um grupo. (BION, in GRINGBERG, 1973, p 19).

A primeira vivência grupal do indivíduo acontece em sua família¹⁰, de onde vêm os primeiros contatos interpessoais. A qualidade destes contatos e suas peculiaridades são de profunda importância para o desenvolvimento de novas relações. Segundo Bion (1973), as ansiedades internalizadas a partir destas vivências podem ser reativadas em muitas situações adultas através do contato com grupos. O encontro no grupo significa confrontar-se com o dilema de evoluir e diferenciar-se enfrentando os temores desta evolução e o enfrentamento de ansiedades reativadas.

Bion (1975), ao estudar grupos coloca da necessidade de um exame mais profundo da estrutura dos grupos, pelas relações interpessoais estabelecidas, da ação recíproca das forças dentro deles, e de sua vida emocional.

No seu livro ‘Experiências com Grupos’ (1975) coloca sobre distintas formas de funcionamento dos grupos definindo grupos de trabalho e grupos de supostos básicos.

Qualquer grupo que se reúne assumindo coletivamente objetivos e viabilizando atividades/tarefas para a concretização destes objetivos, Bion denomina grupos de trabalho, os quais funcionam com “bom espírito de grupo”, demandam as seguintes características:

Propósito comum em vencer um desafio, defender e nutrir um ideal ou uma construção criativa no campo das relações sociais ou das comunidades físicas.

Reconhecimento comum, por parte dos membros do grupo, dos limites deste e sua posição e função em relação às unidades ou grupos maiores.

Capacidade de absorver novos membros e perder outros, sem medo de perder a individualidade grupal o caráter grupal, deve ser flexível.

Liberdade dos subgrupos internos de terem limites rígidos. Se um subgrupo achar-se presente, ele não deve ser centrado em

¹⁰ Entendendo que as famílias estão imersas em tempos e espaços sociais, culturais específicos.

nenhum de seus membros nem em si próprio, tratando os outros membros do grupo principal como se eles não fizessem parte da principal barreira grupal, o valor do subgrupo para o funcionamento do grupo principal deve ser reconhecido.

Os membros individuais são valorizados por sua contribuição ao grupo e possuem liberdade de movimento dentro dele, com sua liberdade de locomoção sendo limitada apenas pelas condições aceitas, esperadas e impostas pelo grupo.

O grupo deve ter a capacidade de enfrentar o descontentamento dentro de si e possuir meios de tratar com ele.

O tamanho mínimo de um grupo é três, dois membros têm relações pessoais.

Grupos incapazes de enfrentar as tensões emocionais surgidas, Bion coloca como grupos que funcionam a partir de uma Mentalidade Grupal definida por Supostos Básicos. Entende **‘Mentalidade Grupal’** como uma atividade mental que se produz quando as pessoas se reúnem em grupos, fazendo o grupo funcionar em muitas oportunidades como uma unidade. O interjogo entre a mentalidade grupal e os desejos do indivíduo, a conduta dos integrantes do grupo, os papéis que desempenham, os líderes que atuam, e o comportamento do grupo como totalidade é a **‘Cultura de Grupo’**.

A organização que o grupo adota em determinado momento surge do conflito entre a vontade coletiva anônima e inconsciente e os desejos e necessidades individuais.

‘Suposto Básico’ é a qualificação da mentalidade grupal; o continente de todas as contribuições feitas pelos membros do grupo, um continente de emoções intensas e de origem primitiva, que determina a organização que o grupo adota e o modo pelo qual encara a tarefa que deve realizar. As suposições básicas são inconscientes e muitas vezes opostas às opiniões conscientes e racionais dos membros que compõem o grupo.

O supostos básicos são o equivalente para o grupo, de fantasias onipotentes a respeito do modo pelo qual serão resolvidas suas dificuldades, as técnicas utilizadas para evitar a frustração são mágicas, ao invés de criar abertura para o aprendizado pela experiência que muitas vezes implica dor, esforço, e contato com a realidade. “A suposição básica é que as pessoas se reúnem em

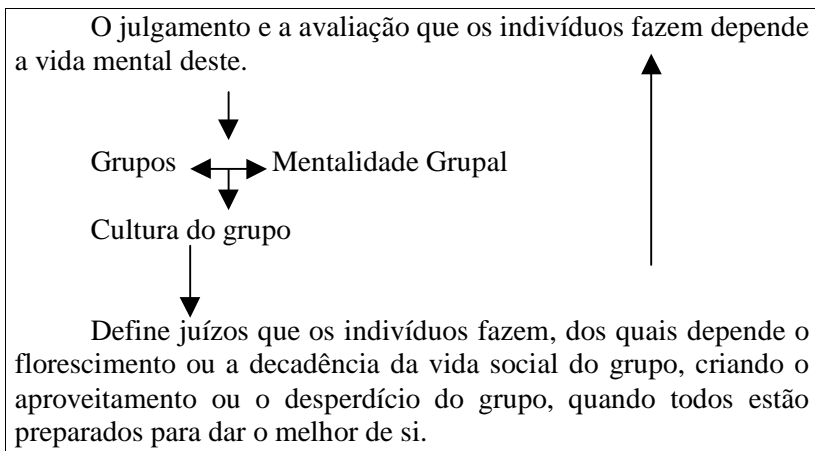
grupo para fins de preservação do grupo” (Bion, 1975, pág 55), nesta cultura os grupos utilizam técnicas de autopreservação, a luta e fuga, e a formação de pares onde o acasalamento também funciona como fins da preservação da espécie.

Os supostos básicos funcionam ao redor de emoções que implicam no temor de ser destruído ou de ter destruído.

O **temor de ser destruído** de estar numa situação de ameaça implica em uma cultura de grupo com comportamentos sob o instinto de luta e fuga. Neste suposto básico existe uma convicção grupal de que existe um inimigo, que é necessário atacar ou fugir dele. O objeto mau é externo, e a única atividade defensiva diante dele consiste em destruí-lo (ataque) ou evita-lo (fugir).

O **temor de ter destruído** se vê cultura de grupo com atitudes baseadas na dependência e no acasalamento. No **suposto básico de dependência** o grupo sustenta a convicção de que está reunido para que alguém proveja a satisfação de todas as suas necessidades, e de todos os seus desejos, alguém de quem o grupo depende de uma forma absoluta, que dê segurança ao grupo. O **suposto básico de acasalamento** vive sob uma crença coletiva e inconsciente, de que qualquer que sejam os problemas e necessidades atuais do grupo, um fato futuro ou um ser ainda por nascer, os resolverá, há esperança. O importante neste estado emocional é a idéia de futuro, e não a resolução do presente. Muitas vezes a esperança é colocada num par cujo filho ainda não é concebido, como sendo o salvador do grupo.

Bion coloca que, grupos com funcionamento mental baseado numa cultura de grupo de suposto básico organizam-se apresentando futilidade nas suas conversas, possuem um desempenho quase despido de conteúdo intelectual, e ainda as suposições de alguns elementos passam incontestadas, como declaração dos fatos, e são aceitas como tal, parece claro que o juízo crítico acha-se quase inteiramente ausente.



O grupo é essencial para a realização da vida do homem, e a vida mental do grupo é essencial para a vida integral do indivíduo inteiramente à parte de qualquer necessidade temporária ou específica, e que a satisfação dessa necessidade tem de ser buscada através da filiação a um grupo, da mesma maneira que é necessário procurar as causas do fracasso do grupo em conceder ao indivíduo uma vida plena. Esta satisfação dependerá da cultura do grupo.

O grupo é potencialmente capaz de suprir ao indivíduo com a satisfação de um certo número de necessidades de sua vida mental que só podem ser fornecidas por um grupo. (Bion 1975, p 47).

Enquanto que a frustração causada pelo grupo é tanto maior quanto maior for a expressão num grupo de impulsos que os indivíduos desejam satisfazer anonimamente, os quais se encontram inconscientemente projetados na área da Mentalidade de Grupo.

Grupos com funcionamento de “grupos de trabalho” estabelecem entre si uma relação continente sendo capazes de operar com paciência¹¹ sobre as experiências emocionais de angústia e sofrimento até chegar a uma nova significação e, por conseguinte, a novos níveis de integração. Esta forma de funcionamento se correlaciona com uma prevalência de matrizes

¹¹ Rezende (2002), coloca que a paciência é fundamental para passar da dispersão para integração nos momentos de caos.

vinculares de confiança, fundadas na prevalência do positivo sobre o negativo.

Situações em que a mentalidade do grupo permanece intoxicada por emoções desintegradoras, não sendo o grupo capaz de aliviar os estados de angústias e dar proteção aos seus objetivos e atividades, se potencializam estados afetivos, que incapacitam os indivíduos de dar sentido as experiências vividas, gerando frustração e ódio, que se direciona com violência a realidade interna e externa, dificultando o desenvolvimento da consciência e o crescimento mental. Esta forma de funcionamento se correlaciona com a personalidade psicótica, havendo uma prevalência de matrizes vinculares fundadas no medo, abandono e nos objetos maus.

A intensidade com que cada forma de funcionamento é vivenciada e internalizada definirá padrões de integração e crescimento dos grupos. Grupos incapazes de enfrentar tensões são grupos com continente afetivo frágil para dar proteção e ser capaz de dar sentido as vivências.

II. A BIODANZA NUM GRUPO UNIVERSITÁRIO

2.1. Uma breve discussão a partir da utilização simultânea de Biodanza e a abordagem de grupos de Wilfred Bion

Trago aqui algumas questões baseadas em observações realizadas em 2001/2002, durante o estágio da Formação em Biodanza Escola/Espumoso RS, utilizando o sistema Biodanza nas aulas de Vivências do curso de Enfermagem da Unochapeco de Chapecó/SC.

A Biodanza busca estimular diferentes maneiras de convívio, já que necessariamente trabalha com o grupo, e não é qualquer grupo, mas um grupo que se encontre no amor, no resgate da afetividade. No encontro com o outro fundado no afeto, na ternura, no belo e, portanto, no ético, Cria-se uma base vincular positiva para o encontro consigo mesmo e o desenvolvimento dos potenciais de vitalidade, sexualidade, criatividade, afetividade e transcendência de cada um. Para que isto acontece o grupo pode

assumir distintas funções¹² segundo a fase do desenvolvimento da sessão, a partir da força indutora da música e a seqüências dos exercícios.

O encontro “consigo mesmo” a todo o momento flui para o “encontro com o outro” e o “encontro com o outro” revela “o consigo mesmo” em grande emoção e sensibilidade como a mais linda das canções.

Em sessões de Biodanza o grupo¹³ é levado a se sensibilizar através da música, do movimento, e situações de encontro formar um continente afetivo, que recebe e integra a todos os participantes possibilitando vivências que funcionem segundo Rolando Toro como uma matriz de renascimentos, se encontrando e reencontrando no amor o que nos fundamenta como humanos.

O grupo é um biogerador, um centro gerador de vida. A concentração de energia convergente dentro do grupo produz um potencial maior que a soma das partes. Esta energia biológica compromete a unidade do organismo. Cria-se um campo magnético que se refletem e projetam emoções, desejos e sensações físicas de grande intensidade, se produz uma percepção da essência das outras pessoas, com isso um novo modo de identificação. A atmosfera que cria quando o grupo alcança um nível básico de integração, é de um mundo sem barreiras, em que

¹² *Função Permissiva* – O grupo dá permissão aos membros para diminuir as força dos mecanismos de defesa, com a diminuição da repressão a energia afetiva reprimida começa a circular mais espontaneamente.

Função Facilitadora – Consiste em reforçar as expressões saudáveis de cada um reciclando e ativando os potenciais ativos de cada um, pelo estímulo do ímpeto vital, o desejo de contato, a alegria, a criatividade.

Função Deflagradora – Precipita processos de crescimento através de experiências vividas com grande intensidade tendo um caráter de autodescobrimento de certos aspectos da identidade que estavam ocultos.

Função Integrativa – Integração do movimento, superação de barreiras de contato e vínculo que possibilitam a percepção de chegar a outros estados de maturidade e harmonia. Neste nível o grupo induz processos de integração, reparentalização, e “retribalização” de uma ou várias pessoas.

Função Criadora – consiste na indução de situações expressivas, com experiências do “extraordinário”, do “inusitado”, do “maravilhoso”.

Função Transcendente – Esta se exerce quando o grupo se torna “matriz de renascimento”, possibilitando mudanças profundas no estilo de viver das pessoas.

¹³Apostilas de Formação em Biodanza

as pessoas não representam um limite real da expressão interior. Esta atmosfera permite que os corpos se deixem tocar pela presença e potencial do outro, que manifestem emoções integradoras de grande intensidade. (TORO, Apostila da Formação).

As vivências em grupo têm o intuito de desenvolver a afetividade¹⁴ e pelo desenvolvimento da afetividade criar novas formas de convívio em grupo. Rolando Toro coloca que em função da afetividade se possibilita:

[...] um estado de afinidade profunda frente aos seres, capaz de originar sentimentos de amor, amizade, altruísmo, maternidade, paternidade, companheirismo, e também sentimentos de raiva, insegurança, medo [...]. Possibilitando a identificação com outras pessoas, sendo capaz de compreendê-las, amá-las e protegê-las, no entanto também rejeitá-las ou agredi-las. (Toro, Apostilas de Formação em Biodanza).

Para Toro¹⁵, a afetividade está profundamente enraizada na Identidade, sendo que as pessoas com identidade frágil têm dificuldades de amar, têm medo da diversidade, dos vínculos com outras pessoas e são defensivas, não conseguem se identificar com o outro, há medo da diversidade pela insegurança eliciada pelos estranhos. O outro não é visto como semelhante.

Pela patologia da linha da afetividade verificamos a expansão da destrutividade, da discriminação social, do racismo, da injustiça, dos impulsos autodestrutivos, e do relativismo ético.

Outra questão importante que envolve a afetividade das pessoas é sua capacidade de vincular-se a tudo que está vivo, possibilitado por experiências de expansão da consciência. Uma precária consciência da totalidade define pessoas que vivem girando em torno de conflitos miseráveis.

Um terceiro aspecto que têm haver com o desenvolvimento da afetividade é a qualidade da comunicação que acompanha as

¹⁴ Segundo Zazzo, citado anteriormente, afetividade se traduz como um conjunto de comportamentos que criam e sustentam as relações sociais.

¹⁵ Apostilas de formação em Biodanza.

relações interpessoais. Há formas de comunicação semântica, de transmissão dos fatos cotidianos acompanhada com frases de gentilezas. Também existe uma comunicação sutil que acompanha tom de sinceridade, de compreensão íntima que comunica além das palavras com intensidade, calor, sensações, que fala com a alma não com o intelecto. As dificuldades de expressão dificultam a aproximação.

Segundo Toro¹⁶, alguns indivíduos podem se aproximar nas situações de encontro com uma expressão feliz ou reservada, comunicando-se através de máscaras e simulações, ou criando vínculos através do olhar. A busca deste vínculo pode ser através de um rosto tenso, indiferente, vazio, ou evasivo, que busca no alto, no ar, mostrando uma não presença. Para Toro estão no sorriso e no olhar as chaves de um vínculo interior.

Além das dificuldades nos encontros enquanto embotamento afetivo, também a desqualificação é uma patologia da convivência, assassinando as possibilidades do ser.

Para Toro a patologia da afetividade define a destrutividade, a discriminação social, o racismo, a injustiça, os impulsos autodestrutivos, o relativismo ético, a consciência reduzida acerca do mundo, dificuldades nos encontros entre as pessoas e o estabelecimento de vínculos de intimidade, com uma comunicação que reconheça e valorize a presença do outro. Entendemos que estas formas de funcionamento implicam a internalização de determinadas matrizes vinculares a partir de vivências infantis, que definem reações emocionais através de funções neuroendócrinas, num nível orgânico, e tendências afetivas adultas de amor e ódio internalizadas através de vivências infantis¹⁷. Segundo Toro o contexto social pode desencadear respostas agressivas nas massas.

Entendemos que nos grupos de supostos básicos propostos por Bion há uma potencialização das dificuldades na linha da afetividade conforme descreve Toro, onde as características de funcionamento são de dificuldades de contato, de comunicação nos distintos níveis, com dificuldades básicas de integração para que o

¹⁶ Apostilas de formação em Biodanza.

¹⁷ Funcionam como filtros para interpretação da realidade através do estabelecimento da relação e contato com os outros ou padrões de defesa.

grupo possa criar um campo magnético, produzindo emoções, desejos e sensações que facilitem uma percepção da essência das outras pessoas, e com isso um novo modo de funcionamento.¹⁸ Enquanto que um grupo de trabalho¹⁹ denota encontros de indivíduos com um adequado desenvolvimento afetivo, capaz da expressão de sua identidade através de comunicação espontânea, sincera e íntima que reconhece e é capaz de qualificar.

Quando um grupo já vem de uma história com conflitos mal administrados, mágoas e decepções não elaboradas que se constituíram em estereótipos relacionais, aconteceram muito mais dificuldades quanto à introdução da abordagem da Biodanza, verificando a partir do envolvimento com as atividades propostas, das relações entre os membros dos grupos e da relação estabelecida conosco, formas de funcionamento, nos grupos, com características dos grupos de suposto básico de Bion, onde acontecem:

- Dificuldades no grupo em **enfrentar tensões** emocionais surgidas.

- Ambivalência na realização das **atividades** propostas através dos exercícios/vivências.

- Dificuldades dos indivíduos em administrar o interjogo entre seus **desejos pessoais e os desejos do grupo**.

- Fragilidade na **atitude reflexiva** para resolver os problemas do grupo.

Os problemas são resolvidos por técnicas que Bion denomina de autopreservação, luta, fuga e a formação de pares. A **evitação** se verifica nos grupos quando os membros se afastam através do silêncio, das saídas, e da falta de atenção as situações de aprendizagem e aos outros. Enquanto que o **ataque** é visto em atitudes constantes de ataque as tarefas, a alguma situação e ou pessoa(s) tanto de sala aula como externos que se sobrepõem à possibilidade de lidar com as situações do momento com abertura para aprender com a experiência.

¹⁸ Descrito anteriormente como grupo Biogerador por Rolando Toro.

¹⁹ Trabalho no sentido de atividade humana similar a conceituação do Materialismo Histórico Dialético.

O **diálogo** é dificultado, as suposições sobre fatos, ou de uma pessoa é aceita como tal, sem maiores questionamentos, diminuindo a participação da totalidade do grupo. Viu-se isto em uma das turmas quando quatro pessoas defendem a posição de que é completamente desnecessário aulas para trabalhar o desenvolvimento pessoal já que a turma não teria dificuldades e que as mesmas são tremenda bobagem, neste dia a turma não aceita participar de atividades. Somente em outro encontro quando se coloca a posição dos demais professoras acerca das dificuldades de relacionamento dos grupos de estágio que outros alunos se posicionam e colocam que há problemas de relações interpessoais e neste dia todo grupo participa prontamente das atividades. Em vários momentos alguma temática específica trazida por alguém do grupo como algo de todos se polemiza e dificulta a evolução para outras atividades.

Verificam-se dificuldades em realizar leituras de realidade contextualizadas, entender a inter-relação das coisas. (Claro que isto é consequência da nossa história e educação positivista).

A **expressão** de sentimentos acontece com intensidade nos momentos de ataque a alguém ou alguma situação, no entanto sentimentos como ternura, afeto, e choro, são reprimidas. Quando alguém se emociona geralmente busca sair da atividade, ou até da sala. Percebe-se no grupo uma fragilidade em ser continente afetivo para seus membros.

A **atenção** é muitas vezes autocentrada, verificam-se dificuldades em ouvir os outros, realizar exercícios em dupla, colocar atenção no movimento conjunto, e o contato facilmente é rompido, impaciência²⁰ diante de atividades que não se centralizam em seu próprio problema.

O interesse pela discussão das situações, dos problemas, de necessidades em clima de envolvimento e tensão emocional é intenso, no entanto quando surge alguma alternativa/possibilidade de solução, há grande dificuldade em se mobilizar para a **realização das ações**.

Facilmente cria-se uma **expectativa de que algo externo seja provedor** do bem estar dos indivíduos e ou grupo, mantendo-

²⁰ Bion coloca que esta impaciência é a impaciência do neurótico 1970, pág 53.

se com a Instituição e/ou professores e outros esta expectativa, por exemplo, diante de situações pessoais de horários.

Situações em que o grupo consegue realizar atividades com maior integração e com qualidade comunicacional, podem ser seguidas facilmente com um padrão de funcionamento anterior.

Podemos dizer, baseado em Toro²¹ que estas condutas, são equivalentes da expressão da patologia da linha da afetividade, com uma preponderância de acordo com Bion de dificuldades num nível básico de integração²².

Nestes grupos segundo Bion (1975), acontece uma acentuada incapacidade por parte dos indivíduos no grupo de acreditar que se tenha possibilidade de aprender algo de valor com o outro, a expectativa é de que alguém num patamar superior possa ter algo a ensinar, não há fé em aprender pela experiência, pela vivência, ressaltando um ódio ao processo de desenvolvimento.

Quando as condutas citadas acima foram com mais intensidade, torna-se mais delicado em muitos momentos envolver um grupo na perspectiva da Biodanza como mediação do desenvolvimento pessoal. Os exercícios de Biodanza buscam na troca, no encontro trazer experiências de desenvolvimento. A partir destas questões é possível entender o motivo da desqualificação em alguns momentos das situações de encontros. Percebendo que em muitos momentos exercícios individuais, de contato mais intenso consigo mesmo facilita a liberdade de viver a experiência, e a entrega à vivência, enquanto que exercícios de dupla, de contato com o outro leva mais facilmente um grupo sair de vivências, e trazendo o grupo para estereotípias, pela fala ou por brincadeiras.

Observamos que, o envolvimento nas aulas de Biodanza está diretamente relacionado com o funcionamento mental dos grupos. Quanto mais características de funcionamento mental de suposto básico, com mecanismos de luta e fuga ou dependência maior a dificuldade com as atividades.

A Biodanza se traduz em uma perspectiva teórica metodológica totalmente experiencial vivencial²³ realizada em grupo que

²¹ Apostilas da Formação de Biodanza.

²² Toro, Apostilas de Formação em Biodanza.

²³ Rolando Toro, Apostilas de Formação Docente de Biodanza.

necessita do envolvimento e da participação de seus membros para que se alcancem os objetivos de estimulação dos potenciais humanos. De acordo com Bion (1991), um grupo capaz de se organizar para alcançar objetivos comuns assumindo no seu coletivo as tarefas inerentes, e isto é um grupo que funciona como grupo de trabalho.

Trabalhar com Biodanza é criar estratégias que possam levar o coletivo a funcionar como ‘grupo de trabalho’, assumindo no espaço coletivo, o crescimento pessoal e grupal através da construção coletiva, a integração afetiva das pessoas, o aprender pela experiência. Entendendo que a Biodanza é uma metodologia que permite a realização destas propostas. Para isto é preciso romper com a cultura universitária, e conceitos de aprendizagem vigente.

O rompimento destas concepções é fundamental para que as pessoas consigam se envolver com qualidade e quantidade numa sessão de Biodanza, das relações interpessoais, isto é também romper com um modelo social e econômico neoliberal vigente. Também é preciso assumir o envolvimento com uma proposta de desenvolvimento pessoal, pelas pessoas e das Instituições como um todo.

Transformar estas concepções nos grupos de supostos básicos têm haver com o rompimento das próprias concepções criadas para a proteção contra os medos primitivos inconscientes da dor e o dilema em evoluir e diferenciar-se. Contatar-se e contatar com o outro é justamente contatar o que se evita ou se ataca para criar proteção. Ao passo que a abordagem da Biodanza propõe, assim como os estudos acerca da vinculação trazidos anteriormente neste estudo, que a proteção está na intimidade do colo continente do outro, num resgate consigo mesmo nesta paz.

Trabalhar com o modelo teórico da Biodanza com grupos em Instituições que muitas vezes já tem uma história, e esta em muitas situações foi história de desencontros, de mágoas, de impossibilidade de desenvolvimento criando a confirmação da falta, é enquanto facilitador, lidar com o “paradoxo” de possuir em sua mão uma abordagem teórica metodológica construída para oferecer as pessoas vivências que as possibilitem resgatar o desenvolvimento afetivo, a dimensão do ser e do conviver pelo

afetivo, pelo ser e pelo conviver, exatamente o que em determinadas “grupos” é o que mais assusta.

BIBLIOGRAFIA

- ALVES, Ruben. **O Ipê e a Escola**. Disponível na Internet: <http://Rubenalves.com.br>
- ASSMANN, Hugo; SUNG, Jung Mo. **Competência e Sensibilidade Solidária**. Petrópolis: Editora Vozes, 2001.
- ASSMANN, Hugo. **Metáforas para encantar a Educação: Epistemologia e Didática**. Piracicaba: Editora Unimep. 1998.
- _____. **Reencantar a Educação**. Petrópolis: Editora Vozes, 1998.
- BION, Wilfred. **O aprender com a experiência**. Rio de Janeiro: Imago, 1991.
- _____. **Experiências com grupos**. São Paulo. Imago Editora, 1975.
- BIODANZA. Associazione Europea de Insegnati di Biodanza: Itália, 1996.
- BOFF, Leonardo. **Princípio de Compaixão e Cuidado**. Petrópolis: Editora Vozes, 2001.
- _____. **Saber Cuidar**. Petrópolis: Editora Vozes, 2000
- BOLWBY, John. **O Apego**. São Paulo: Martins Fontes, 1984.
- CAPRA, Fritjof. **O Ponto de Mutação**. São Paulo: Cultrix, 1982.
- CAMPBELL, J. **O Poder do Mito**. São Paulo: Editora Palas Athenas, 1990.
- GAMEIRO, José. **Voando sobre a Psiquiatria, Análise Epistemológica da Psiquiatria Contemporânea**. Porto: Edições Afrontamento, 1992.
- GRINBERG, Leon, et al. **Introdução as Idéias de Bion**. Rio de Janeiro: Imago Editora Ltda, 1973.
- KEITEL, Liane. **Interações Precoces nos Atrasos do Desenvolvimento**, (Mestrado em Psicopatologia e Psicologia Clínica), Instituto Superior de Psicologia Aplicada convênio ULBRA/RS. Lisboa, Portugal, 1998..
- MATURANA, Humberto. **Emoções e Linguagem na Educação e na Política**. Belo Horizonte: Editora UFMG. 1999.
- MORIN, Edgar. **A Cabeça bem feita – Repensar a reforma Reformar o Pensamento**. Rio de Janeiro: Bertrand do Brasil, 2000.

_____ . **Por uma reforma no Pensamento.** Correio da UNESCO. Ano 4, nº 4, abril de 1996, p 10-14. Entrevista concedida a Gabriel Garcia Márquez.

NAJMANOVICH, Denise. O sujeito Encarnado. Rio de Janeiro: dp&a,2001.

OSÓRIO, L. C. **Evolução Psíquica da Criança e do Adolescente.** Porto Alegre: Movimento,1975.

SANTOS, Maria Lúcia Pessoa. **Metodologia em Biodanza,** Primeiros Passos. Belo Horizonte,1996.

STRIEDER, Roque. **Educar para iniciativa e a Solidariedade**

SPITZ, R. A. **O Primeiro Ano de Vida.** São Paulo: Martins Fontes, 1991.

TORO, Rolando, **Curso Formación Docente de Biodanza.** Apostilas dos Seminários de Formación. Chile.

PROTOVIVÊNCIA E VINCULAÇÃO ARQUETÍPICA EM BIODANZA²⁴

Nilza Solange Almeida de Quadros²⁵



²⁴ Texto elaborado a partir da monografia de mesmo título apresentada para titulação em Biodanza, em Encontro da Regional Sul de Biodanza, em 1997, na praia de Mariluz, no Rio Grande do Sul, Brasil, por Nilza Solange de Quadros, pela Escola Gaúcha de Biodanza.

²⁵ Facilitadora de Biodanza

PROTOVIVENCIA E VINCULAÇÃO ARQUETÍPICA EM BIODANZA

A partir da monografia que realizei com vistas a titulação em Biodanza escrevo este pequeno artigo sobre o tema e a partir dele, porque continuo a acreditar que as protovivências são determinantes na vida de um ser humano. E, só a partir de uma mudança social de respeito e seriedade para o cuidado da gestação e com as nossas crianças é que poderemos vislumbrar um mundo sem violência. Porque, pergunto –o que têm gravado na memória de sua infância, estas pessoas que hoje estão mergulhadas na violência e no mundo do crime?

Protovivências são as primeiras vivências de uma pessoa, fundamentais e determinantes na sua vida. O primeiro minuto é o mais importante da vida, o segundo minuto é o segundo mais importante e assim por diante. Toda a vida de um ser humano poderá ser determinada nos seus primeiros anos.

Segundo o Modelo Teórico de Biodanza, as protovivências estão localizadas logo a seguir do código genético e, o trabalho em Biodanza pode influir nestas diretamente e atuar, para que o potencial do ser individual se expresse. E, assim mesmo com as influências negativas do meio, as pessoas podem ser mais felizes.

São as protovivências determinantes na expressão do nosso potencial de amor e da nossa capacidade de sermos felizes?

Pela definição de Biodanza, segundo Rolando Toro: “Biodanza é um sistema de integração afetiva, renovação orgânica e reaprendizagem das funções originárias da vida.” (TORO, 1991, p.3)

A integração afetiva seria, então, restabelecida de uma unidade perdida entre percepção, motricidade, afetividade e funções viscerais. E, onde perdemos esta unidade? Será que a perdemos ou não a tivemos? Devido ao modo como nascemos e vivemos nossos primeiros anos de vida e socialização (ou aculturação), será possível pelo menos nos aproximarmos desta unidade?

É loucura pensar e sonhar que a vida das pessoas seria melhor caso elas fossem desejadas e amadas desde antes de nascer?

O milagre da concepção é um momento único para um ser único que cria e se recria no universo.

“Nossas vidas não estão lançadas ao acaso, como meteoritos, andando no espaço côncavo. Nossas vidas surgem da sabedoria milenar do grande pulsador da vida, o útero cósmico, que se nutre e respira nas afinidades e no amor dos elementos. Na luz da origem, na enxurrada paradisíaca da realidade, nós nos buscamos uns aos outros”. (TORO, 1991, p.36)

Segundo o Princípio Biocêntrico a vida é o centro, o universo está vivo, como um organismo.

E, o que é a vida?

Para a Biodanza, os seres vivos têm um princípio universal e a vida pode ser muito bem definida por princípios biológicos. O mundo existe, porque há vida, mas a precisão com que os seres são construídos ainda é um mistério. As estruturas se auto organizam de acordo com um plano invisível. Existe uma força organizadora e desorganizadora, que não conseguimos dominar.

Em palestra para a Escola Gaúcha de Biodanza, em janeiro de 1995, Rolando Toro faz afirmações que citamos abaixo, uma vez que reafirmam nossas convicções sobre o assunto aqui tratado:

- “Outros fazem parte de mim, assim como eu sou parte dos outros, e do universo, numa integração cósmica.

Biodanza é um sistema de integração com a vida (consigo mesmo, com o outro e com o universo).

A teoria de Biodanza é completa, como um diamante está em relação holográfica, em toda parte da Biodanza está a totalidade. Na criança, está a totalidade do adulto, nela está contida toda a sua capacidade de amar, de ser feliz. O organismo funciona como uma totalidade, um holograma, a ciência está descobrindo hoje, o que confirma esta hipótese. O ser humano é sagrado, porque tem o impulso de crescer, de ser melhor”.

A Biodanza propõe como prioridade o Princípio Biocêntrico, sobre qualquer concepção antropocêntrica ou biográfica. Ela possui como referencial imediato os sistemas vivos, segundo as leis do universo, que conservam e permitem a evolução da vida. O reforço da identidade se dá através da re-vinculação dos instintos e do estímulo ao desenvolvimento dos potenciais genéticos.

Segundo o Modelo Teórico da Biodanza, o código genético está numa relação direta com o Princípio Biocêntrico, como estrutura básica de evolução dos seres vivos. Ele é um conjunto de caracteres codificados das características de uma espécie, transmitida através de gerações e contém em si toda a informação do que poderá vir a ser, contém a semente da vida.

Duas metades inteiras de mundo, o óvulo e o espermatozóide se encontram numa fusão tão energética, quanto uma explosão atômica e se juntam. E desta união surge um mundo, uma nova vida, um novo ser, que é igual e é diferente, porque é único.

A finalidade última do encontro é a fusão, e, é assim que, como numa explosão cósmica, ressurge a vida, o óvulo fecundado.

“A experiência suprema do encontro é a fusão”. Através da fusão no orgasmo, o casal humano se transforma em par cósmico, ingressando na totalidade”.(TORO, 1991, p.580).

A gestação é o transe da vida em si. A gravidez é algo do maravilhoso.

O corpo como fonte de prazer e de luz relaciona-se com a expressão “dar a luz”. É a árvore que vira semente e a semente que germina, que cresce e cresce. É o invisível medo e prazer do desconhecido, e conhecido, porque é a intimidade de todas as intimidades. A gravidez contém um fio, o elo das gerações. Você se tornará mãe da filha que será mãe, que será avó um dia, mas o concreto está ali dentro da barriga. O fio que liga.

É o corpo em transformação, é a formação de um outro corpo dentro desse corpo. A atividade do corpo é essencialmente feminina.

Segundo Verny, a criança na vida intra-uterina já vive provavelmente num estado especial de consciência e já estabelece comunicação, através de sua mãe, com o mundo de fora.

O corpo da futura mãe é um mundo em transformação. Há dois seres em mutação: um que se forma e se transforma num contínuo veloz e dinâmico e outro que se transforma e forma são as características da gravidez.

A gestação mais do que um estado interessante é um estado muito importante na vida de duas pessoas: a mãe e o feto. E hoje,

pode-se também falar em relação ao pai, este 3º personagem tão importante, e, normalmente, esquecido.

Atualmente, sabemos que a criança antes de nascer já é um ser humano consciente e capaz de reações, inclusive, desde o sexto mês e, talvez, até antes, o feto tem vida afetiva.

A relação com um homem carinhoso e sensível proporciona à mulher um apoio afetivo necessário e importante durante esses nove meses essenciais.

O feto pode ver, entender, tocar, degustar e mesmo, a um nível muito primitivo, aprender inútero (dentro do útero), antes do nascimento. Mais importante, ele é capaz de sentimentos menos elaborados que dos adultos, mas bem reais.

A mãe, se desejar, pode ser uma força positiva. E, uma mulher grávida, ou em vias de estar, dispõe hoje de meios que lhe permitem exercer uma influência positiva no desenvolvimento afetivo de sua criança, como Biodanza, por exemplo. A criança é capaz de aprender dentro do útero. A partir de estudos sobre associação entre movimento e vibração, constatou-se que a criança é capaz de mover-se ao sentir a vibração provocada. Está comprovado que no quarto e quinto mês o feto reage claramente à música, inclusive manifestando o seu gosto. Por exemplo, a música de Vivaldi acalma o bebê, e a de Bethoven o deixa inquieto. Portanto, uma gestante que escuta determinado tipo de música todos os dias poderá fazer com que a criança fique calma e mais relaxada. Isto também na prática já seria proporcionar à criança a oportunidade dela adquirir gosto pela música.

Todavia, não se deve ter uma visão determinista, a vida não é estática, mas, certamente, o que acontece no decorrer dos primeiros anos tem a ver com as principais experiências, porque o feto não tem a capacidade de filtrar, e essa é a razão pela qual as emoções da mãe gravam-se tão profundamente e seus efeitos continuam a se fazer sentir com tanta força ao longo da vida. Segundo Verny, se a mente da criança é marcada pelo otimismo antes do nascimento, são necessárias muitas adversidades para que esta característica se apague, e o contrário também pode ser verdadeiro.

Há a hipótese de que a intensidade do movimento do feto é um reflexo do estado de ansiedade da mãe. E, através de

experiências foi constatado que os bebês mais ativos no útero se revelam crianças mais inquietas e ansiosas, e principalmente sentem-se desconfortáveis em situações sociais e à vontade, quando sozinhas. Provavelmente, também, em situações de conflito, se refugiarão e evitarão encontros de toda maneira.

Grande parte das mulheres grávidas não pensa nos seus bebês como seres reais e sequer pensam neles, na maioria das vezes. Elas pensam em tudo, inclusive no que diz respeito às coisas que fazem parte do preparo para aguardá-lo, porém, quase nunca, na criança que esperam. O feto tem necessidade urgente de ser amado e desejado e não ignorado, como é o que acontece na maioria das vezes. E ignorá-lo é como deixar uma pessoa fechada, sozinha, em um quarto, percebendo que coisas acontecem lá fora das quais ele não participa.

O abandono pode acontecer ainda na vida intra-uterina e já foram, inclusive, estudados casos em que os filhos de mães doentes mentais, impossibilitadas de comunicarem-se com seu bebê, nasceram com traços profundos de abandono. Estes podem apresentar mais problemas físicos e afetivos do que filhos de mulheres mentalmente sadias. Pensamos que numa extrema rejeição o que pode restar é a morte. E perguntamos, parafraseando VERNY: Como poderá essa criança deixar de ser profundamente influenciada pela sua mãe?

Se as comunicações são freqüentes, ricas e satisfatórias no plano afetivo, a criança tem todas as chances de ser robusta, ter saúde e ser feliz. Para a Biodanza uma chuva de estímulos positivos torna-nos saudáveis.

Criando um meio afetivo no útero, a mãe pode exercer uma influência decisiva sobre tudo o que a criança sente, espera, sonha, pensa e faz no decurso de sua existência.

E, neste contexto, o pai precisa estar presente. Não há nada mais perigoso para o feto do que um pai que brutaliza ou negligencia a mãe. A ligação pai/criança é essencial, pois permite ao homem participar em profundidade e com mais intensidade na vida da criança desde o início, desde a concepção. Quanto mais cedo essa participação começa, mais o futuro filho ou filha se beneficiará.

As emoções são sentidas pelo feto de maneira genuína, sem filtro, de modo que as emoções da mãe podem interferir como cofatores positivos ou negativos da formação da identidade deste novo ser.

Pode-se dizer que as protovivências se iniciam antes do nascimento e, sendo mais avançado, desde a concepção, quando a mulher grávida pensa sobre o seu bebê.

As necessidades do feto são as mais primitivas, são instinto puro. A psicanálise acrescenta à teoria da evolução a idéia de que, assim como o embrião no útero da mãe repete em seu crescimento certos estágios da vida animal, também a criança pequena, o feto, recapitula estágios importantes da história da humanidade.

Há a necessidade de ser amado e desejado. Há casos desastrosos de morte dentro do útero de fetos extremamente rejeitados ou recém nascidos como descrito anteriormente.

O importante na comunicação mãe e filho é a qualidade da mesma, o que ela quer, o que ela sente e comunica ao feto. A mãe começa a modelar a vida afetiva do seu filho desde quando ele está em suas entranhas.

Por outro lado, o papel do pai também é muito importante, porque ele participa da vida afetiva da mãe, o que influencia o feto por consequência.

O batimento cardíaco da mãe também tem efeito sobre o bebê, esse é um som que ele reconhece desde a vida intra-útero. É o ritmo seguro.

Estudos situam o começo da consciência entre a vigésima oitava e trigésima semana. De acordo com o desenvolvimento cerebral, nesta altura os circuitos do cérebro estão tão desenvolvidos quanto os de um recém nascido. É aí que as mensagens são reveladas pelo cérebro e depois distribuídas pelo corpo todo. Neste mesmo período o córtex geral atinge um desenvolvimento suficiente para ajudar a consciência. É o córtex a parte mais complexa do cérebro humano.

Após a trigésima semana as ondas cerebrais do feto são perceptíveis e pode-se saber se o mesmo dorme ou está acordado. Após a trigésima segunda semana, o registro das ondas cerebrais começa a mostrar a aparição das fases do sono, que são traduzidas

por movimentos oculares rápidos e correspondem no adulto aos períodos de sonho.

É impossível dizer se um feto sonha, como um adulto concebe o sonho. Há pesquisas a respeito que supõem que essas emissões cerebrais sejam um treinamento do cérebro para o desenvolvimento.

Os primeiros tênues filamentos de memória começam a se entrecruzar no cérebro desde o sexto mês de seu desenvolvimento, não tendo-se a certeza do momento exato.

Há pesquisadores que afirmam que a criança é capaz de ter lembranças a partir do sexto mês, outros dizem do oitavo. Porém, uma coisa é certa - a criança antes do nascimento guarda lembranças e, é capaz de conservá-las. Estas são as mais primitivas vivências, ou protovivências mais genuínas.

Está comprovado, também, que os hormônios da mãe afetam o feto na sua neutralidade, tornando-o mais receptivo.

Em relação aos sentimentos da mãe e situações de stress, o que importa é o amor, porque, quando a criança percebe esse amor, forma-se ao seu redor uma espécie de anel que reduz e consegue mesmo neutralizar, em certos casos, os efeitos das tensões externas. O importante é a atitude da mãe sobre quem vai nascer.

E, o segundo fator em importância, após a atitude da mãe em relação à maternidade, seria a relação da gestante com o seu par, o pai. A relação dos pais pode influir na medida em que ele a faz sentir-se segura e feliz esperando a criança.

Em toda essa relação neuro-endócrina, fisiológica e emocional se define grande parte da identidade do novo ser. “O útero define as esferas da criança”.(VERNY, 1989)

AS PROTOVIVÊNCIAS

As potencialidades genéticas do indivíduo podem manifestar-se através das linhas de vivências em Biodanza. A diferenciação destas linhas originou-se das protovivências ou vivências marcantes da primeira infância, as quais são oriundas da “vivência primal” ou “vivência oceânica”, que é a vivência uterina.

O arquétipo da Grande Mãe, tão desvinculado do nosso meio, dito civilizado, vem expressar-se neste período de gestação, reforçando a maternidade como primordial no estudo das protovivências.

Dentro do útero, o novo ser que se desenvolve já tem percepções primárias, ou primitivas do mundo externo, porque o embrião já está imbuído de sua carga genética e começa a receber de sua mãe informações fisiológicas a nível de sistemas neuro-endócrino-imunológicos.

Por isso, não se pode falar em protovivências, sem falar numa fase da vida da mulher, que se pode comparar a um transe. Pois a gestação é o período no qual ela deixa de ser “somente” mulher para se tornar mãe. Pode-se comparar, portanto, a fase gestacional a um transe.

A mulher, quando se percebe grávida mergulha num período regressivo, que se identifica com a sonolência interna que sente no início da gestação. Sobre esse tempo do feminino diz Soifer:

“A regressão em si tem origem na percepção inconsciente das mudanças orgânicas e hormonais , e na sensação de incógnita”. (SOIFER, 1980)

Desse momento, o corpo continua a transformar-se, numa pulsação de períodos de equilíbrio e reequilíbrio neuro-endócrino imunológico, mãe/feto até atingir finalmente o período também regressivo final, próximo do nascimento ou o parto, definido do ponto de vista de um, ou de outro, mãe/filho.

Na fase final do parto, quando se completa a dilatação, o vir ao mundo é favorecido pelo preparo adequado, aceitação e desejo pelo filho. A mulher ao se sentir protegida, nesse momento tende novamente à regressão, numa nova identificação com o feto.

O nascimento se dá num ato do acontecer, divino, mágico, porque a mãe sabe do inevitável, e a criança por certo também o perceberá.

E a maneira como a criança nasce determina em grande parte a pessoa que ela será e como perceberá o mundo que a cerca.

O nascimento é a primeira protovivência explícita que participamos com o mundo exterior. É quando o ser começa, ou

continua a sua vivência ontológica, e passa da vivência amniótica e animal para a vida histórica e social, expressa através das linhas de vivências a sua própria identidade.

As protovivências de movimento, contato, expressão e harmonia do novo ser começam, então, a se delinear, num entrelaçamento do mundo instintivo e emocional com o mundo cultural, que servem para estruturar a “vida interior em conformidade com um determinado e organizado mundo social e adulto”. (GÓIS, 1995, p.82)

Estas primeiras vivências funcionam também como limitação ou impedimento à expressão do potencial evolutivo em seu vigor e frescura natural.

Os instintos são impulsos inatos, são padrões organizados de conduta para a expressão do potencial genético. E, para Rolando Toro, os instintos são verdadeiros mandatos bio-cósmicos que dão origem às motivações bio-sociais do comportamento humano.

Há teorias em que o comportamento é modulado pela aprendizagem e influenciado culturalmente, e esta é uma visão antropocêntrica. A posição biocêntrica que trata o Sistema Biodanza não se traduz a um reducionismo biológico, onde tudo é explicado pela biologia, porém é uma visão onde não se inclui somente o homem, e sim todos os sistemas viventes.

Os impulsos inatos, ou instintos estruturam o desenvolvimento nos sistemas viventes e, através deles, expressam-se os potenciais humanos. O instinto de conservação, por exemplo, se expressa como conduta inata através do movimento.

O movimento do feto na fase intra-uterina é percebido pela mãe e revela-lhe a vida dentro de si. A linha de expressão desse momento é a própria vida, é a vitalidade. E, segundo TORO, as emoções e os sentimentos que se geram nessa linha são alegria, ímpeto, entusiasmo, raiva, medo e beatitude, que vem a totalizar-se na experiência mutante de coragem de viver.

Este movimento amplia-se cada vez mais com as contrações uterinas para acontecer o parto, o nascimento. O recém nascido move-se ativamente, braços, pernas, cabeça, músculos faciais (choro), a respiração, o intestino (expulsão de mecônio), a boca (a procura da boca da mãe). E depois o acompanhar objetos com os olhos, o agarrar, o engatinhar, o correr, o soltar, a brincadeira. O

mundo de relação se amplia cada vez mais, aumentando suas experiências junto ao mundo concreto. E, conforme TORO, “se uma criança é levada nos braços pela mãe, nos ombros, embalada, começa a desenvolver nessa protovivência, o ímpeto vital. “Não basta o amor, é necessário também o movimento” (TORO, 1991, p.189) diz o mestre, pai da Biodanza.

No entanto, na nossa sociedade, era comum a recomendação que encontra-se em um Manual de Assistência Médica Empresarial, em nota de rodapé em cor destacada: “Não acostume seu filho no colo. Mantenha-o no berço, em quarto arejado, sem luz intensa, afastado das visitas.” Parece que o manual citado não considera a natureza humana e suas necessidades básicas de contato e estímulos.

Sob o ponto de vista da Biodanza, a criança tem estas primeiras experiências, ou protovivências, em relação ao mundo primitivo; ou do instinto, onde o jogo do córtex cerebral ainda não é dominante, como no adulto.

A evolução cognitivo-afetiva deve-se dar de maneira solidária, e os avanços ou paradas em um destes domínios repercute no outro e reciprocamente. Pode-se traçar um paralelo à função do grupo, pois em vivência de Biodanza, desenvolve-se o princípio de reculturação. Não se trata apenas de reparentalizar, mas de substituir os mandatos parentais introjetados na infância.

Na medida em que se desenvolve a maturação do córtex pela aquisição progressiva de circuitos mais elaborados e mais flexíveis, o tônus e o desenvolvimento dos órgãos vão tornando-se mais refinados. A maturação dos órgãos dos sentidos acelera-se, desde o nascimento sob a influência de numerosos estímulos do meio, e estes vão aumentar a riqueza das experiências motoras-sensíveis da criança.

As protovivências são percepções em bloco na criança, e começam a distinguir-se, quando se dá o desenvolvimento, num processo de maturação do córtex.

As vivências neste início são “imprinting”, impressos na criança na sua relação com o mundo.

A vinculação da mãe com seu bebê é motivada pelos cuidados maternos, é de origem instintiva; não apenas adquirida. Esta protovivência se expressa principalmente através do contato,

pelo qual o bebê recebe carícias, sejam elas oriundas da amamentação ou do toque, que fortalece o vínculo mãe/filho.

O instinto sexual é, então, despertado, manifestando-se através do contato corporal mãe e bebê como protovivência originária da linha da sexualidade. As funções despertadas são de sensualidade, carícias, erotismo e genitalidade com sentimentos e emoção do desejo, prazer, voluptuosidade e gozo supremo. A experiência mutante é a fusão orgástica.

A criança não representa para a mãe o congênere com um valor de lar, mas é um elemento primário de assistência. Em todos os mamíferos, os animais jovens emitem sinais que libertam um comportamento de carinho. As mães reconhecem seus filhos, isto se aplica às mães que carregam seus filhos principalmente.

Os cuidados do recém-nascido e da criança lactente, até mais ou menos o 3º ano de vida, são determinantes no futuro do ser humano. Nesta fase o tocar do corpinho da criança é fundamental.

E se esta carência ocorrer nos primeiros anos de vida, torna-se condição importante para a formação de personalidades doentias.

A falta do toque torna os bebês sujeitos a infeções do tipo crosta láctea, doenças de pele, resfriados, etc., baixando a imunidade, tornando-os predispostos a viroses e outras doenças. Os bebês criam mecanismos de defesa para suprirem suas necessidades afetivas, podendo ir do choro, agressividade, ranço alimentar, passividade, vômito, diarreia até febre.

Os terapeutas infantis tentam explicar a relação existente entre carência de contato (carícia) e as perturbações do desenvolvimento da personalidade infantil. Baseados em experiências com animais e o efeito de carícia e de contato em relação ao stress, foi observado que quanto mais rico for o universo do jovem animal em estimulações cutâneas, melhores serão suas possibilidades de adaptação emocional às situações novas. E a falta de contato poderia causar então perturbações do desenvolvimento da personalidade infantil e conseqüentemente do adulto. O contato tem muitas funções: proteção e segurança, maturação da sexualidade, desenvolvimento da sensibilidade, estabelecimento de limites corporais. Sobre a importância da carícia comenta Toro:

“Se uma criança é acariciada, sua protossexualidade está sendo estimulada, completamente diferente da criança reprimida. Para que se desenvolva é necessário que os pais compreendam que a criança tem sexualidade. (...) Tocar é o gesto mais profundo por mais superficial que seja o toque. Implica sempre numa forma de comunicação, sendo que aquele que toca também é tocado, implicando em transferência de energia através da pele. (...) Carícia é a expressão afetiva do toque com comprometimento corporal”. (TORO, 1991, p.189)

Sobre essa questão Góis afirma:

“Um corpo que é tocado e acariciado encontra caminhos do crescimento saudável, é um corpo vivo.” (GÓIS, q1995, p.20)

Muito carinho e contato devem ser dados ao bebê continuamente, sua falta pode levar à depressão e até à psicose.

Sob este ponto de vista, a linha de sexualidade em Biodanza mescla-se com a afetividade e com todas as outras: vitalidades, criatividade, transcendência, que estão muito mescladas, principalmente nesta fase, mais instintiva.

Rolando Toro diz que a afetividade já se manifesta na fecundação para dar origem a uma nova identidade. E quando os pais falam com o feto, este já recebe os primeiros impulsos afetivos. Também salienta o autor a importância da paternidade, e do papel do pai ao dizer: “a paternidade é o que há de mais grandioso na vida de um homem. Para a mulher o exercício da maternidade é um ato cósmico”

Outro aspecto a considerar é o relacionamento entre o casal, porque o feto sente quando a mãe é ignorada, ou abandonada, ou sofre violência de seu companheiro, numa situação conflituosa mais profunda. Da mesma forma, uma relação harmoniosa entre o casal favorece o desenvolvimento do feto.

Todos os filhotes requerem segurança e proteção dos adultos de sua espécie para sobreviverem. Para o ser humano não é diferente, é especialmente diferente porque o bebê não é capaz por

si de buscar sua própria alimentação, e seu corpo, sem nu, não o protege dos augúrios naturais do clima. E a criança leva algum tempo nesta maturação de desenvolvimento em busca da autonomia, para adquirir o próprio alimento e defender-se. E desde que nasce, enquanto pequeno, precisa de um ambiente que seja seguro, restaurador, tranqüilo e harmônico. O bebê precisa do peito caloroso e aconchegante da mãe, precisa do colo e do embalo do pai.

O grupo, em Biodanza, relaciona-se com a família biológica nutritiva. O encontro, o vínculo, a amizade e a solidariedade são funções primordiais do instinto gregário, nele se expressam as emoções e sentimentos de ternura, saudade, carinho, tristeza, íntase, êxtase e iluminação. A experiência mutante é a entrega. Este instinto tem como protovivência a harmonia que pode expressar-se através da linha da afetividade.

Segundo C. Wagner, a protovivência de harmonia também poderia ser chamada de “protovivência amniótica” e ainda afirma o autor:

“A integração seria o processo de crescimento em que os potenciais genéticos altamente diferenciados se organizam em sistemas cada vez mais amplos no nível orgânico, com a espécie humana e com o cosmos. Este processo de desenvolvimento não é necessariamente coerente com os padrões culturais e com a infraestrutura de valores. É, principalmente, uma sintonização cada vez mais perfeita com a umidade cosmobiológica.” (GÓIS, 1995, p.80)

A amamentação por certo é um restaurador desta protovivência de harmonia, porque nela a criança sente-se imersa em um pleno sentido de ser, num aspecto funcional consigo mesmo, com outro (a mãe) que ela não tem diferente de si e com o cosmos.

“O ato de mamar parece ser uma experiência tão sensual, que a criança sente o prazer pelo corpo todo. Tanto que crianças podem, instintivamente levar suas mãos aos órgãos genitais, para aumentar o prazer e também amassar o seio da mãe. É natural e

normal que a criança usufrua destas sensações tão agradáveis.” (SOIFER, 1980)

Amamentar é um ato de amor e proteção ao recém-nascido, e pode propiciar a uma vivência de harmonia favorecendo um desenvolvimento integrado e saudável. A criança bem amamentada, certamente, move-se bem, sem medos inadequados, é alimentada, protegida, seu corpo é acariciado e tem o sono garantido por adultos apaixonados pela vida.

Em palestras às mães, orientando quanto a amamentação sempre enfatizei, que a mesma colocasse seu bebê junto ao seu peito para que ele ouvisse seu coração e ao mesmo tempo, a mãe o tocasse e dissesse para ele palavras carinhosas olhando-o. Notei, então, que muitas mães se emocionaram ao fazer isso.

A protovivência de expressão vinculada ao instinto exploratório regula as funções de nutrição, fantasia, imaginação e transformação explodindo na vivência de criatividade. Para o ser humano, a sua própria vida, exaltando a existência, se emocionando com a estética antropológica é uma experiência mutante, é a própria renovação da existência.

A criança se expressa no mundo, olha, toca, pega, larga, move-se de um lado para o outro, pula, salta, chora, sorri, ocupa espaços, interage com objetos, com outras crianças, adultos, animais. Ela é naturalmente expressiva e espontânea como todo o mundo natural. Sobre esse aspecto Rolando Toro afirma:

“Se a criança aprender nos primeiros momentos a desenvolver sua expressividade e não é mantida na imobilidade, desenvolve potencialmente a criatividade”.(TORO, 1991, p.190)

As protovivências vão se transformando em vivências no desenvolvimento ontogenético do indivíduo e transformando o mundo simbólico, semântico e ideológico. Esta interiorização, que é cultural, vai fazer com que o movimento se expresse ou não como vivência de vitalidade, o contato como vivência de sexualidade, a expressão como vivência de criatividade e a harmonia como vivência de afetividade.

“As vivências são expressões da vida instintiva, entrelaçadas ao mundo valorativo-simbólico; são

próprias do humano e necessitam da realidade histórica social para acontecer” (GÓIS, 1995, p.84)

E, o bloqueio desta transformação só seria possível na ausência da cultura. Portanto, a expressão do humano em nós pode ser desvirtuada, enfraquecida, despotencializada com os valores antivida de nossa cultura, mas nunca totalmente bloqueados.

Esse contato do bebê com o mundo externo, real e cultural se dá através da mãe, principalmente, ou de alguém que a substituíria. A mãe é o adulto que exerce a maior influência emocional sobre a criança, conduzindo-a na realidade social imediata através de um processo de socialização primária, que vai tornando-a membro de uma determinada sociedade, com valores simbólicos e ideológicos, os quais ela mesma já interiorizou ao longo de sua vida. E, a mãe influencia muito mais através de seus gestos, de seu toque, do que através da fala. Mas o que emerge, apesar da cultura são as protovivências, que são a expressão da espécie em um mundo de diversidades.

“As protovivências são pré-condições de concretização do ser, podem permanecer assim ou tornarem-se vivências quando encontram uma realidade histórico-social. O ser-no-mundo, terreno propício a sua aparição e realização. Realização essa que se dá através da transformação das protovivências em vivências, mediante processos complicados de socialização primária e secundária, em geral mediados por adulto”.(GÓIS, 1995, p.85)

GENERO MASCULINO NA BIODANZA

Gaston Andino²⁶

RESUMO

O presente artigo é uma síntese da teoria que dá sustento ao trabalho de Gênero masculino que a anos venho desenvolvendo dentro da proposta metodológica da Biodanza.

Parte do porque a crises do masculino, como os homens estão perdidos demonstrando isto dentro do analise da cultura patriarcal, o que significa esta, quais são suas características; qual é o tipo de homem que resulta de ela.

A crises do masculino, alguns aspectos de esta crise como: a falta de Rituais de Iniciação, do iniciador, a aprendizagem a conviver com seu aspecto Yin da identidade masculina, e o encontro com os potencias adormecidos que nos permitem o fortalecimento e integração de nossa identidade - os Arquétipos ligados as cinco Linhas de Vivencia proposta pela Biodanza.

²⁶ Facilitador Titular Didata de Biodanza

Palavras Chaves:

Crises da masculinidade, o Yin no homem, Rituais de Iniciação, os Arquétipos Masculinos.

Introdução

Hoje nos homens vivemos uma profunda crise de Identidade que se traduz em perguntas como:

Qual é o significado de ser homem hoje?

Como ser um homem sensível e afetuoso, tendo uma postura viril sem ser machista?

Como relacionarmos com a mulher de uma maneira autêntica e criativa?

Estamos vivendo um momento de grandes incertezas onde tudo esta sendo revalorizado, questionado: “uma intuição coletiva parece indicar que algo falha em modelo masculino que predomina na sociedade” (Juan Carlos Kreimer)

È uma crise da cultura patriarcal, que faz mais de 8.0000 anos que determina um olhar só masculino do mundo, da sociedade em todos seus aspetos. Formado uma rede centralizada na figura masculina, um modo de olhar, sentir e pensar a vida. “ O Patriarcado é muito mais que o governo o autoridade de um Pai que manda sobre sua família. È um sistema de relações muito profundo, que abarca o emocional, os valores, o corporal, e vai alem de certas características que podemos relacionar com o machismo” (Juan Carlos Kreimer).

Esta se viu cristalizada na visão do paradigma antropocêntrico, onde o homem – macho racional determina com seu pensar todo o que acontece em ele e seu ao redor (modo de vida, nas ciências, na arte, etc).

Alguns aspectos da cultura patriarcal som:

-O poder como eixo central do viver, o poder sobre meu universo pessoal (emocional, no psíquico e corporal), sobre as

relações interpessoais onde o controle, a obediência, a subordinação e a hierarquia dão sustento a este. O poder sobre a natureza, de intervir em seus ciclos e movimentos naturais.

-A violência, a guerra como uma maneira de solucionar as diferenças, os conflitos; e esta é olhada como um valor, uma virtude “natural – normal”.

-Uma negação do feminino, de todo o que este contempla: sexualidade, procriação, sua sabedoria, seu olhar estético do mundo.

-Uma forma de pensar e ver as coisas de maneira simples e lineal, onde todo está subordinado à autoridade em negação as diferenças.

“Nossa cultura tem favorecido, com firmeza, valores e atitudes yang, ou masculinos, e tem negligenciado seus valores e atitudes complementares yin, ou femininos. Tem favorecido a auto-afirmação em vez da integração, a análise em vez da síntese, o conhecimento racional em vez da sabedoria intuitiva, a ciência em vez da religião, a competição em vez da cooperação, a expansão em vez da conservação, e assim por diante. Esse desenvolvimento unilateral atinge agora, em alto grau, um nível alarmante, uma crise de dimensões sociais, ecológicas, morais e espirituais”. (Capra 1983:17).

A pergunta que nos surge é: qual é o homem que esta cultura a ido cristalizando?

Um homem forte, independente, seguro, agressivo, audaz, competitivo e invulnerável.

O qual não se permite ter medo, duvidas, angustias, nem vergonha. Que sempre procura o êxito, e o poder. Que ao nível da afetividade tem dificuldade de admitir e comunicar o que sente, e sofre de um grande isolamento emocional.

“A mística do masculino: isolamento emocional e incapacidade adquirida para admitir e comunicar o que sente”. (Graciela Ferreira 1995-Pág. 60).

Um homem que se sente seguro só em determinados âmbitos como: o esporte, a política e o sexo pelo sexo.

“O território mais seguro que não põe em risco sua intimidade é: esporte, política, e sexo” (G. Ferreira 1995-Pág. 61).

Um homem que desde seu nascimento é socializado para diferenciar-se, de não se parecer da mulher, e negar qualquer sinal do feminino em seu comportamento.

Que em nível da sexualidade a norma é a heterossexualidade, de uma pobreza afetiva que o impede de vincular-se com outros homens profundamente (Homofobia).

Esta crise do que significa ser homem hoje nos permite que possamos mergulhar profundamente em nos mesmos e romper com os estereótipos com os quais temos sido socializados. Si bem o modelo tradicional masculino nos tem outorgado uma serie de benefícios, também a sido prejudicial para nos homens.

“O modelo tradicional aparentemente tem uma serie de benefícios pero no fundo atitudes machista é prejudicial para o homem” (Daniela Cheveke ano 2-N 23)

Por isso nos homens temos que começar a reflexionar sobre esta crise desde uma óptica masculina também, de fazer uma nova leitura do que significa ser homem, não basta só tomar em conta a crítica das mulheres à cultura patriarcal, temos que fazer a crítica também desde o olhar masculino.

O yin masculino

Dentro da concepção da biodanza questão de Gênero e vista como ciclos da vida cósmica que em um constante movimento se expande e se recolhe, e o dia e a noite, a luz e sombra, o masculino e o feminino.

O yin segundo a visão Taoísta é o feminino, o obscuro, o instintivo, o inconsciente, o receptivo, que se complementa com o Yang, o masculino, o luminoso, racional, consciente, aquele que abre caminho, que penetra.

O homem é externamente Yang em seu corpo, em sua forma de lidar com a realidade através da racionalidade, da objetividade. Tendo ficado preso a este estereotipo externo em detrimento de seu mundo interno, o Yin pode ser caracterizado por: sensibilidade, intuição, empatia, humildade, emoção.

“O homem é não só um ser sexual, mas igualmente um ser bissexual, que combina em si o princípio masculino e feminino em proporções diferentes, não raro mediante um duro conflito. O homem em que o princípio feminino estivesse completamente ausente seria um ser abstrato, inteiramente separado do elemento cósmico.

Somente a união desses dois princípios é que constitui um ser humano completo”. (Nicolas Berdyaev, *The destiny of man*, harper torchbooks Nova York, 1960 Pág.61-62 Citado por John A. Sanfor São Paulo – Paulinas 1986 Pág. 12).

É de suma importância que nos homens logremos fazer as pazes com nosso mundo interno de nossos afetos, aprender a guiarmos pela nossa intuição, saber ter humildade reconhecendo que existem determinadas situações que não sabemos lidar.

O Yin no Masculino é muito mais que a mulher interna, é um universo desconhecido de sensações e emoções que temos que aprender a conviver saudavelmente com elas é não negar o projetar em os outros o outras.

Rituais de Iniciação

Outro aspecto da crise da masculinidade é pela falta de Rituais de Iniciação, rituais que iniciem ao jovem à vida adulta.

As antigas culturas “sabiam” muito bem que o menino para tornasse homem necessitava de um acontecimento importante em sua vida que lhe permitirá sair do mundo da infância, do “Abraço da Mãe” para ingressar no mundo dos homens – dos guerreiros.

Com este fim existiam os chamados Rituais de Iniciação, consistiam em diferentes provas físicas, desafios que o menino chia que passar para tornar-se homem.

“Por Iniciação entende-se geralmente um conjunto de Ritos e Encenações orais que têm por finalidade a modificação radical da condição religiosa e social do sujeito iniciado. Filosoficamente falando a iniciação equivale a uma mutação ontológica da dinâmica existencial, ao final das provações, goza o neófito de uma

vida totalmente diferente da anterior a iniciação: converte-se em outro” (Mircea Eliade 1975-Pág. 10).

Para a Biodanza segundo seu criador: “os Ritos de Iniciação tem caráter de provas (desafios) em que a pessoa entra em contato com sua própria essência (Identidade)” (Rolando Toro 1998-Pág. 41).

Se bem se fala que hoje existem alguns rituais como: ingressar no exército, na gagy e outros; estes não podem ser tidos como Rituais de Iniciação, pois parte da premissa errada: a desqualificação de quem é iniciado e o menos preço pela vida de este.

“A nossa cultura, ao contrario, possui pseudo-rituais. Temos muitas pseudo-iniciações par os homens. O recrutamento militar é uma delas. A idéia fantasiosa é que a humilhação e a não identidade forçada dos campos de treinamento vão “fazer de você um homem”. As gangues existentes nas grandes cidades do mundo constituem um outro exemplo dessas supostas iniciações, assim como também o são os sistemas penitenciários, os quais em grande parte são dirigidos por quadrilhas de criminosos” (Douglas Gillete e Richar.(pág. 5)

Dentro dos antigos Rituais de Iniciação existia o papel ritual do ancião iniciador, que eram homens com sabedoria que faziam de ponte para transitar de um estado a outro. Este é um aspecto também da crise da masculinidade a falta de iniciadores, pois existe por parte da cultura atual que menosprezam a sabedoria dos mais velhos, estes são jogados à beira da estrada da vida; e também existe um medo muito arraigado nos homens de cumprir este papel – ritual.

A crises do modelo patriarcal, a falta de Rituais de Iniciação e dos iniciadores tem gerado homens dissociados o como alguns autores falam: “do *puer-aeternus*, dos meninos voadores, complexo de Peter-pan, etc.” Ou seja, homens com grandes dificuldades de integrar, aprofundar sua vida afetiva, criativa, sexual, existencial, em uma linguagem comum som “homens imaturos”. Outros ficam presos em determinados estereótipos como o durão, o débil, o agressivo, etc.

A nossa proposta de trabalho do resgate da identidade masculina recria antigos rituais de iniciação que permite aos

homens ir ao encontro de sua essência, potencializando a traves dos arquétipos vinculados as cinco linhas de vivência que a biodanza propõe.

Os arquétipos masculinos

Os arquétipos são imagens carregadas de emoção que se encontra no inconsciente coletivo que Jung propõe.

Estas imagens ao serem vivenciadas, permitem potencializar aspectos nossos adormecidos ou que não se manifestavam em nossa existência.

Na biodanza os arquétipos estão ligados as cinco linhas de vivencias, pediríamos dizer que seu regate esta intimamente vinculado o nosso mundo instintivo.

Na Linha da Vitalidade encontramos o **arquétipo do selvagem**:

“O selvagem atua por instinto ele sabe onde esta o perigo, a saúde, etc. Ser um bom selvagem e comer com voracidade, fazer amor com bondade e com intensidade. O núcleo organizador do comportamento e o instinto (sobrevivência); só depois de expressar o instinto permitiremos a manifestação de outros elementos: criativos, afetivos e místicos; a passagem do selvagem ao místico e conexão com a natureza”.
(Rolando Toro).

Também em esta linha se encontra o **arquétipo do guerreiro e do herói**. Significa a capacidade de poder resgatar a força e potência, necessária para abrir espaços em nossa vida.

“O homem que tem acesso ao arquétipo do guerreiro possui pensamento positivo. Isto significa que ele tem espírito invencível, grande coragem, que ele não tem medo, que assume as responsabilidades por seus atos e que tem autodisciplina. Disciplina significa que ele possui o rigor para desenvolver o controle e o domínio sobre seu corpo, e que e capaz de suportar tanto a dor, tanto psicológica como física”.(R.Moore&D.Gillete).

O arquétipo do herói é aquele que nos permite sair do indiferenciado começar o caminho, nosso próprio caminho.

“Herói é aquela pessoa que soube combater as limitações histórico-pessoais, alcançando desta maneira formas humanas válidas”. Joseph Campbell - O Herói de mil faces

Na Linha da Sexualidade, encontramos o **arquétipo do amante** indiferenciado, de motivações eróticas e orgásticas.

“O Amante é o arquétipo da representação e da “exibição”, da encarnação saudável, do estar no mundo dos prazeres sensuais e no próprio corpo sem sentir vergonha. Assim, o amante é profundamente sensual – sensualmente consciente e sensível ao mundo físico em todo o seu esplendor”. (Moore & D. Gillette).

Na Linha da Criatividade, encontramos o artista, a criação na arte e na ciência, a inovação, a transgressão, e aquele que faz o processo alquímico de transformar a sombra em luz, que se vincula com o **Arquétipo do mago**. Este arquétipo é de fundamental importância, pois permite modificar aqueles padrões, estereótipos culturais que nos impedem de ser nos mesmos.

Na Linha da Afetividade encontramos o humanista, o sábio, o curandeiro. É a linha do coração, da compreensão e do amor. A verdadeira sabedoria nasce no coração e ela a que nos ensina e cura.

Na Linha da Transcendência aqui encontramos os **Arquétipos do Grande Pai** aquele que cuida da proteção a sua prole. **Da Criança Divina**, que nos devolve a bondade de viver, de olhar sempre a vida como uma nova oportunidade de viver, de uma conexão com o essencial da vida.

EDUCAÇÃO BIOCÊNTRICA: UMA EXPERIÊNCIA...

Márcio Xavier Bonorino Figueiredo²⁷

PRELÚDIO: A RODA²⁸

E ele sorrindo tomou as mãos de cada um e os encaminhou para o grande salão.

A luz de seu coração foi dividida igualmente entre todos os que estavam ali presentes... Os cegos, os leprosos, os loucos, as prostitutas, os cientistas, os burgueses, os mendigos, os intelectuais, os políticos, os homossexuais, as crianças, os velhos, os solitários, os adolescentes, os detentos, os operários, os poetas, os deficientes, os impotentes, os onipotentes, os desiludidos, os iludidos, os carcomidos, os remanescentes... Gente de toda cara, de toda tara, de toda fé, de toda beleza, de corpo e alma...

Ele falou sobre a salvação e do encontro de um reino mais justo dentro de cada um, pediu que todos se abraçassem, se tocassem e tentassem caminharem juntos, dentro de seu próprio ritmo e harmonia...

²⁷Professor na Universidade Federal de Pelotas – Escola de Educação Física e Faculdade de Educação. Coordena e orienta na Pós-Graduação Especialização o Núcleo Cultura, Infância e Educação Infantil. Facilitador em biodanza pela Escola paulista de Biodanza. Doutor em Educação pela USP. Contatos: E-mail: bonorino.sul@terra.com.br. Fone. xx5332285938 e celular: 91384711.

²⁸Rolando Toro Araneda. Chileno, antropólogo, criador do sistema de biodanza.

Que o milagre de existir dentro do todo e totalmente entregues aos mandatos do coração.

Com o passar dos tempos, eles unidos por uma roda já podiam se olhar abertamente nos olhos, seus corpos já possuíam o calor do ninho a leveza e a liberdade resgatadas da verdade de cada um, o brilho da essência...

E conseguiram sorrir a criança mais pura e contemplar o animal que carregavam...

O tempo então parecia eterno e o espaço aberto maior. E a roda foi aumentando, tanto que só o salão da vida poderia comportar. No primeiro ficaram enterrados os esqueletos de infinitas e múltiplas máscaras.

E o mundo daí pode continuar em paz e ser feliz.

(Cecília Borelli)

Este texto registra os caminhos percorridos no Curso²⁹ Educação Biocêntrica: Tecendo redes de integração afetivas e criativas. A escrita está organizada a partir das observações, das falas dos participantes expressas nas rodas de verbalização, dos registros em um diário de campo articulado a fundamentos teóricos.

Num primeiro momento expressa a compreensão de educação em ato contínuo, depois grafamos os sonhos que construímos para esse curso, no terceiro momento mostramos as expectativas, as buscas dos participantes. Já em Vivências articulamos as percepções do processo vivenciado com alguns teóricos. Em Sacralização da vida indicamos a compreensão e o significado da biodança para os envolvidos no processo. Na Construção de outros caminhos pautamos as descobertas auferidas nos espaços das aulas e finalmente, em Portos e Labirintos realizamos uma síntese dos caminhos percorridos e o que significou a temática para os participantes.

²⁹Ministrado na Universidade Federal de Pelotas - Escola de Educação Física nos anos de 2002, 2003 e 2004 – um semestre em cada ano.

OS CAMINHOS³⁰ SE FAZEM AO CAMINHAR

E a roda foi aumentando, tanto que só o salão da vida poderia comportar. No primeiro ficaram enterrados os esqueletos de infinitas e múltiplas máscaras. E o mundo daí pode continuar em paz e ser feliz (Rolando Toro).

As vivências de Educação Biocêntrica - biodanza³¹ se iniciam com a roda, a roda de bom, de boa, a roda de integração, a roda de participação, a roda de celebração. *A roda*. Em todo o mundo e em todas as épocas foi e será o "local" do encontro, da festa, da brincadeira, da comemoração. Desde os povos primitivos, a roda é um símbolo que representa o encontro para compartilhar a vida.

Que prazeroso foi sentir o encontro das mãos na roda e brincar, dançar o reencontro dos elos perdidos. A roda demarcou durante várias noites o espaço, o lugar do encontro, o "útero afetivo" onde não existia nem quem é mais, nem quem é menos. Resgatou o compromisso com o "dar as mãos". Contar consigo, com o outro e com as outras... Foi o espaço onde todos tiveram a possibilidade de olhar... Olhar para si... Olhar o brilho dos olhos, olhar as semelhanças e as diferenças... Olhar os sonhos... O dito, e o vir a ser. Na roda foi necessários estarmos de peito e braços abertos... Estarmos receptivos para a vida que estava nesse espaço.

E na roda fomos tecendo vínculos e desenvolvemos um processo para o despertar dos participantes, no sentido de que se percebessem e pudessem entender as crianças com as quais trabalhavam, tendo a sensibilidade para cuidar da própria vida. Em diferentes situações somente um gesto, um movimento, um

³⁰Introdução do texto – Tecendo redes de sensibilização criativa/biodanza construída por Ana Maria Faleiros (Facilitadora Biodanza Franca/SP), Maria Angelina Pereira (Didata Escola Paulista de Biodanza SP), Marina Silveira Borges (Didata em Biodanza - Ribeirão Preto) e Márcio Xavier Bonorino Figueiredo (Autor deste texto).

³¹Biodanza – sistema vivencial de desenvolvimento humano. Tem um modelo teórico fundamentado nas Ciências Biológicas e Humanas, criado por Rolando Toro Arandela. O termo é grafado com z por ter sido registrado na língua materna de seu criado, que é chileno.

símbolo e, às vezes, uma palavra foi suficiente para despertar as pessoas naquela roda. Essas, uma vez despertadas, se abriram para se construírem e colaborarem com a construção de um mundo mais justo e feliz. Como educador na perspectiva biocêntrica assumimos o compromisso de facilitar o desenvolvimento dos alunos e alunas criando condições para “serem” mais.

Para sensibilizar os educandos a respeito desse processo foi necessário estarmos sensíveis para suas expressões. Para isso, contamos com a experiência de termos atuado em diferentes níveis de ensino e a vivência na biodanza.

A sensibilidade para se perceber e perceber o outro foi despertada através das vivências de biodanza, um sistema que promove o desenvolvimento do ser humano em uma totalidade. As vivências enfatizaram o aqui e o agora e permitiram aos participantes integrarem pensamento, emoção, sentimento, percepção e intuição.

Trabalhar propondo-lhes vivências significou criar condições para que elas se percebessem como pessoas inteiras, capazes de ver e de sentir a si, ao outro e o mundo. Na medida em que apreenderam seus limites e possibilidades, também estiveram abertas para cuidar, brincar e orientar outras pessoas no seu processo de desenvolvimento e de integração.

A capacidade para "cuidar do outro" foi despertada ao se trabalhar os potenciais humanos primários, de modo a estabelecer uma integração entre a dimensão motora, o sensorial e o visceral, facilitando a expressão da afetividade, da cognição e do movimento numa totalidade. Ao cuidar do processo de formação, o educador e a educadora em processo de formação são convidados a participarem da aventura de viverem com intensidade.

Ao estabelecer uma proposta de educação biocêntrica desenvolvemos ações que se relacionaram com o "cuidar a vida", com uma nova pedagogia de vida. Para isso, foi preciso desenvolver a criatividade para transformar a própria vida, almejando uma percepção, uma inserção e uma construção ampliadas do mundo em que vivemos. Somou-se estar sensível ao vínculo com nós mesmos, com outras pessoas e com o universo. Ao mesmo tempo foi necessário desapegar-se destes fatores, pois o

novo exige sempre um desprendimento do passado. Estar em contato com o novo, com o diverso foi viver um processo de autocriação. Ser educador é ser uma pessoa em processo de vir a ser, é estar em permanente transformação, reeducar-se continuamente, em comunhão com os alunos e as alunas, em uma relação profunda e comprometida.

OS SONHOS: Presente no cotidiano

Compreender o princípio biocêntrico como fundamental na construção de uma educação centrada na vida e não nos conteúdos; desencadear um processo de formação baseada no princípio biocêntrico, promovendo o aprofundamento vivencial-teórico e dialogado de uma formação crítica e articulada sempre ao desenvolvimento dos potenciais humanos de saúde numa ética da vida; conhecer e compreender o princípio biocêntrico como paradigma educativo, político, ético, social, econômico e cultural do terceiro milênio; proporcionar o fortalecimento da identidade favorecendo um desenvolvimento e um crescimento a partir da liberação dos potenciais adormecidos, principalmente o afetivo e o criativo; resgatar a condição e o poder pessoal de todos que compõem a comunidade educativa, através de um sentimento ressonante com todos os seres; desenvolver a integração inter e intrapessoal, sensibilizando para a importância do trabalho teórico e de vivências em grupo, priorizando a auto-regulação e a vitalidade e ir descobrindo o prazer de aprender e de viver; resgatar a base instintiva, propulsora de uma harmonia e de um equilíbrio vital, reeducando as diversas formas de expressão e contato; resgatar o desejo e o prazer de desfrutar a vida em sua totalidade e facilitar um processo de integração consigo próprio, com o outro e com o universo.

PRIMEIROS ANÚNCIOS: É preciso viver por inteiro

Vá além dos limites do sonhado,
É através deles que conseguimos
grandes conquistas.

Na primeira noite, lá estavam muitos rostos, faces que anunciavam que já nos conhecíamos de outros espaços e tempos. De imediato fiquei a refletir o motivo dessa procura. Um começo com uma vivência de verbalização com as interrogações “Quem somos?”, “Por que estamos aqui?” Foi o foco para desvelar aquele momento do primeiro encontro, das angústias, das expectativas, dos sonhos.

Na roda, todos sentados no tapete confortável, numa ampla sala. Aparelho de som, cds sobre uma pequena mesa. Na roda, o ritual revelador das falas apreensivas nos dava a clareza das certezas do aqui e do agora, assim foi o nosso começo. A noite foi chegando e com ela o canto dos pássaros que voltavam para os seus ninhos nas árvores próximas e invadia harmoniosamente o salão trazendo outros cantos – um convite a dançar a própria vida em plenitude.

Nessa dança a vida circundante dizia sim à vida, através de uma polifonia de sons cortados, recortados pelas falas que bailavam no olhar e ar. Palavras nascidas da boca, da face, da pele, da vida vivida foram revelando os sonhos, os desejos e as expectativas dos presentes.

Fomos grafando em um diário de bordo “palavras chaves”, falas, observações, escutas, percepções que foram fluindo através da escuta silenciosa num profundo ato de escutar com o coração, muitas vezes interrompida por risos que denunciavam o desconforto, a insegurança, o medo e a alegria de compartilhar o encontro, de ser parte no todo.

As palavras foram nascendo dos lábios vacilantes expressando o sentido de estarem ali, de reencontrar-se, anunciando-se para a vida, de ter curiosidade, de buscar a harmonia, viver a vivência na sua totalidade, procura de liberdade, conhecer a biodança, a necessidade e possibilidade de

fazer um curso que fugisse dos padrões estabelecidos, trabalhar a timidez, as dificuldades de se expressar, romper com o modelo de pensamento biológico expresso na educação física.

Após esse momento tivemos uma vivência envolvendo música, movimento e emoção, que possibilitou o começo de um processo de integração do grupo que se iniciava nesse procedimento.

Organizamos, ainda, as temáticas das vivências que foram desenvolvidos nos encontros - Roda de verbalização; Roda de boas vindas; Caminhares; Roda de olhares; Roda de despedidas e abraços. Roda de toques e olhares, Roda de embalo; Roda rítmica; Rodas concêntricas; Coordenação rítmica; Roda de conservação, transformação; Roda de interiorização; Roda de celebração. Caminhar pela vida, conduzir o outro e ser conduzido. Caminhares com determinação; Segmentares; Ir ao encontro do outro; Fluidez; Integração do próprio ritmo; Sincronização em pares e dança criativa. Conexão com o próprio afeto, cuidar do outro. Cuidar do toque nas próprias mãos. Acariciar; Grupo de contato mínimo. Aprender abraçar e despedir-se. Escutar o coração do amigo; Posição Geratriz de determinação; Recebimento dos trabalhos; Olhar o caminho feito no semestre; Construir um texto sobre o semestre.

AS VIVÊNCIAS: Encontros de que mesmo?

Para Rolando Toro (2002:30)³² vivência é entendida no sentido de:

(...) O conceito de vivência como a experiência vivida com grande intensidade por um indivíduo no momento presente, que envolve a sinestésica, as funções viscerais e emocionais. A vivência confere à experiência subjetiva a palpitante qualidade

³²TORO, Rolando. **Biodanza**. São Paulo: Editora Olavobrás/Escola Paulista de Biodanza, 2002.

existencial de viver o “aquí agora”. Defini as características essenciais da vivência e estruturei uma metodologia precisa para induzir vivências voltadas à integração e ao desenvolvimento humano mediante estimulação da função arcaica de conexão com a vida, já que a vivência é a expressão psíquica imediata desta função.

Assim, o processo das vivências aconteceu em três níveis: o cognitivo, o vivencial e o visceral, sendo que, embora cada um tenha sua autonomia, estão neurologicamente relacionados.

As falas que veremos trazem o significado da vivência para alguns dos participantes. Vejamos o que dizem:

(...) As vivências, os círculos onde todos são iguais independentes da classe social, do sexo, da raça rompem com as amarras, com os preconceitos. A integração espontânea, sem forçar a barra, a simplicidade do toque que muitas vezes parece ser difícil, mas o difícil é não tocar, não sorrir...

O significado da roda - “o círculo”, o agrupamento de pessoas, todas de mãos dadas trocando energias, umas dando apoio para as outras, fazendo com que aquela pessoa que é mais tímida ou que muitas vezes precisa que alguém a escute, que lhe dê um abraço, está ali ... A roda dá um suporte para a liberdade de se expor. Aprendi a ser mais paciente, me relacionar com as pessoas, dando espaço para o outro. A vida é um palco e cada um tem a sua estréia. Fiz novas amizades, reafirmei o que pensava sobre a linguagem não-verbal. Muitas vezes um simples toque, um olhar carinhoso diz muita coisa de uma pessoa.

(...) Nas vivências de toques percebi o quanto nos falta sensibilidade nas nossas relações diárias, sejam elas afetivas ou não. Muito pouco nos preocupamos em deixar que o outro nos toque, através de palavras, mas fundamentalmente pelo tato...

As afirmações explicitam nos fragmentos dos textos acima o significado das vivências, da roda, do toque, das amizades, da

integração, da liberdade. A importância da afetividade para Toro (2002:9) que nos mostra que a capacidade de aprendizagem deve estar relacionada com o desenvolvimento da aprendizagem explicitando que o prazer intelectual, o êxtase, a paixão científica, a fecundidade criadora e o diálogo crítico encantador surgem de um contexto afetivo.

Ainda em seus estudos, o autor mostra que a inteligência afetiva não pode ser vista como uma forma especial de inteligência. Pois existem formas diferenciadas – a motora, espacial, mecânica, semântica, social, que possuem como bebedouro comum à afetividade³³.

SACRALIZAÇÃO DA VIDA: O paraíso perdido é aqui...

Os autores do livro Educação Biocêntrica (1999) ao comentarem sobre a biodanza, afirmam que o sistema surgiu de uma reflexão sobre a vida, do desejo de restaurar em nós o paraíso perdido, integrando os nossos gestos de solidariedade, numa dança de conspiração para gerar mais vida dentro da vida. Nessa obra, Marcos Cavalcante (1999) considera que ao trabalhar a identidade através da música, do movimento (dança), sentimento, poesia, se estabelece uma comunicação dialógica e afetiva entre todos os que se envolvem no processo educativo.

Há, então, possibilidade de se construir um conhecimento em um espaço interativo. Desta forma, a educação biocêntrica promoveu a expressão autêntica que partiu da vivência do educando, da educanda e tornou-se possível integrar o seu saber produzido, conectado aos seus sentimentos. Em consequência, a vivência da cidadania pautou-se no respeito e no amor pela vida.

³³Para aprofundar esta temática ler o livro **Biodanza** de Rolando Toro (2002:90) - "afetividade" entende como um estado de afinidade profunda para com os outros seres humanos, capazes de originar sentimentos de amor, amizade, altruísmo, maternidade, paternidade, solidariedade. Sem dúvida, também sentimentos opostos como a ira, o ciúme, a insegurança e a inveja podem ser consideradas componentes desse complexo fenômeno.

Veremos alguns fragmentos de escrita onde apareceu com força a temática biodanza “sintetizada” nas palavras – “dizer sim a vida”, “aprender a viver”, “enxergar-se interiormente”. Interrogamos: Será que esses princípios são estão presentes nos processos de formação? Será que os alunos, as alunas, os educadores, as educadoras percebem o vivido no próprio cotidiano?

É fundamental atribuir a biodanza aquilo que Toro (2002:10) propõe: biodanza como “mediação” nos programas de educação, uma técnica que estimula a afetividade e a consciência ética.

Assim, as escritas expressam o significado do que seja a biodanza:

(...) alegria, descontração (e também contração para alguns). Sabíamos que seriam elementos certos nas aulas, mas com alguma teoria e reflexão o que ficaria? Ótima oportunidade para entender melhor a biodanza, o porquê da roda, da importância de vivenciar os encontros de peito e braços abertos, permitindo-se a sensibilidade... Algo além de palavras e conteúdos que muitas vezes ignoram e por isso mesmo embrutecem nossas relações, nos estereotipam, nos deixam “travados”... Pensar um pouco sobre tudo isso. Ter cada vez mais claro que dizer “sim a vida” – como o próprio professor nos dizia nas aulas – é algo realmente complicado num cotidiano de relações “travadas”, e ao mesmo tempo realmente simples quando nos sensibilizamos e deixamos fluir as vivências, as percepções de cada um de nossos sentidos... Eis o que de mais importante ficou, ah, e voltar para casa tão “relax” e com uma sensação de recompensa depois de uma aula, é algo sem preço.

(...) era o que estava faltando na minha vida... Fui capaz de conhecer melhor o meu corpo, meus sentimentos, dosar minhas atitudes no dia a dia, melhorar imensamente meu humor. Posso garantir que hoje sou uma pessoa mais feliz e menos estressada, graças à vivência de biodanza. Estou imensamente satisfeito, pois todas minhas expectativas foram vencidas e já estou com saudades

de nossos encontros que contribuíram para refletirmos sobre o que queremos, o que procuramos na vida, do contexto que nos cerca, para avaliar o momento atual e o futuro. Espero que possamos nos cuidar melhor no decorrer de nossa vida e não esquecer de uma coisa muito importante: é preciso saber viver.

(...) contribui e continua contribuindo em minha vida. Aprendi a enxergar-me interiormente, estar em sintonia com o mundo, a olhar as pessoas que me cercam, a dar valor a pequenas coisas, a ser mais confiante, aprendi que com um simples gesto é possível grande mudança, que no olhar existe comunicação que revela grandes sentimentos, possibilita enxergar um verdadeiro universo de emoções. Aprendi que tocar, acariciar, não faz mal nem cai pedaços.

Acima podemos perceber o que significou para alguns dos participantes a biodanza – “dizer sim a vida”, “conhecer melhor o corpo, os sentimentos”, “a enxerga melhor meu interior” enfim, foram várias colocações que possibilitaram romper com uma cultura antívida, com um processo histórico de destruição, de sofrimento, de competição, de isolamento, de injustiças que graça nos “bancos” escolares. A nossa proposta orientou-se numa cultura da afetividade, da consciência e da ética proposta por Rolando Toro. Esses foram os conteúdos de nossos encontros.

CONSTRUINDO OUTROS CAMINHOS

Os participantes foram descobrindo outros jeitos de caminhar o próprio processo de formação, falam de conexão consigo próprio, com o outro e com o mundo. Algumas das falas nos dão indicativos de que:

(...) Acabei descobrindo coisas dormentes dentro de mim, para o meu bem e de meus colegas. Adorei, foram muitas boas estas aulas...

(...) Posso dizer com certeza que meu "eu" teve um crescimento em qualidade, prazer de viver. ... Estou alcançando as pessoas que me rodeiam. Tenho ainda muitas barreiras para transpor, muros para derrubar que enveredar por muitos caminhos. Sei que é hipócrita quem diz que não tem...

A amizade é muito importante no mundo em que vivemos, sabemos o quanto é necessário valorizar, ouvir, aconselhar, ajudar, enfim, acreditar naquele que está ao nosso lado, só que isso é difícil de se realizar, pois não fomos acostumados a crescer com o outro e sim destruí-lo.

(...) Lembrar de não menosprezar os outros e falar a verdade, não ter preconceitos sobre os colegas independentes de cor, raça, religião. Olhar olho no olho, porque isto mostra o que a pessoa quer dizer, o olhar diz tudo...

(...) Uma completa harmonia e integração do grupo. Tocar uma pessoa e ser tocado passa a ser uma entrega muito boa que vai relaxando os estresses do cotidiano.

Saber respeitar o espaço de cada um. Conviver em harmonia com as pessoas. Foram alguns dos pontos mais positivos para mim, estando bem comigo para ajudar o próximo e estar de bem com a vida... O contato com outras pessoas transmite diferentes sensações, como relaxamento, bem estar, autoconfiança, importantes para o desenvolvimento emocional do ser humano.

Passou-me a impressão de que as pessoas procuravam expor o que realmente sentiam, sem demagogia, embora algumas idéias expostas não agradem a todos, o importante foi à seriedade das colocações.

... Foram tantos os momentos vividos e inexplicáveis o sentimento aflorado, poder contar com todas estas experiências, dos desafios propostos, foi um prazer fazer parte desta história...

Dos fragmentos de falas acima, extraímos palavras que expressam os significados dos encontros. Deixemos que elas

bailem em nosso corpo: prazer de viver, amizade, coisas dormentes, lembrar de não menosprezar os outros, saber respeitar o espaço de cada um, importância da sinceridade dos diálogos, momentos vividos inexplicáveis, desafios, aflorar sentimentos, ser parte da história.

Rolando Toro (2002:12) expressa que quando alguém realiza a “sua” dança acessa profundamente parte da totalidade cósmica, um ritmo vivo dentro do gigantesco holograma... Cada pessoa, mesmo sem ter plena consciência disso, está dançando sua vida.

Foi isto que aconteceu durante esse semestre onde cada e todos os participantes dançaram o próprio processo de ser educador e educadora em formação em permanente mudança. Vejamos o que indicam os fragmentos das falas vindouras:

Cresci no sentido de me educar perante os demais, mesmo que ainda com um pouco de timidez, mas posso dizer que venci algumas barreiras. Cresci também no sentido de ter liberdade de dizer para o outro que gosto dele, que sua presença para mim é importante romper com as barreiras do preconceito de dar um beijo e um abraço bem apertado. Cresci no sentido de dizer que preciso de ti para me fazer, por um momento, mais feliz. Cresci ao lembrar que chorar, desabafar, dar opinião não é vergonhoso e assim como queremos que nos escute, é preciso escutar também. (...) Ali a preocupação era o meu “eu interior”, olhar para mim e seguir em frente. O tempo era destinado a si mesmo. E isso que estamos precisando hoje em dia, cada um de nós, buscar a si mesmo, se conhecer melhor, se valorizar para que possamos nos sentir seguros o suficiente para chegarmos nos outros e olhá-los nos olhos, sem medo, sem vergonha e com certeza de que estamos fazendo o melhor de nós, para nós mesmos e para o mundo. Olhar, além do que enxergamos.

Minha vida se modificou de tal forma em tão pouco tempo, e o crescimento foi grande na parte interior. Sempre pensei que para isso ocorrer teria de colocar a mochila nas costas e pé na estrada. Mas não foi preciso, pois a vida em sua melodia perfeita dá sempre um jeito de acontecer algo que necessitamos (...) Sou uma eterna apaixonada pela vida (...) dizer que aprendi... Devemos... Viver e não ter a vergonha de ser feliz, cantar a beleza de ser uma eterna

aprendiz, Ah meu Deus que a vida teria de ser melhor, e será. Mas isso não impedirá que eu repita é bonita e é bonita! Da eterna aprendiz.

Rolando Toro (2002:13) em um de seus escritos expressa que:

O Princípio Biocêntrico deve infiltrar todos os âmbitos da atividade humana. Se você está conectado com a vida, está automaticamente instalado em uma posição política: a daqueles que defendem a vida e lutam contra a exploração e a injustiça.

Seguindo a perspectiva anunciada acima, outras falas mostram que:

O tempo era destinado a si mesmo”, “olhar além do que enxergamos”, “a busca de si mesmo”, (...) “a vida em sua melodia perfeita dá sempre um jeito de acontecer algo que necessitamos...”, “ser uma eterna apaixonada pela vida”, “não ter a vergonha de ser feliz.

É o que acontece quando estamos conectados com a vida. A sacralização da vida é o que dá para a sua vida, ao seu amor, sua sexualidade e as suas criações a qualidade de transcender, como nos convida Rolando Toro em suas vivências.

A partir do Princípio Biocêntrico a vida torna a se organizar com convivência e coexistência no divino. Quando desenvolvemos a capacidade de conexão com nossa intimidade, de união agradável e de beleza, a biodanza é a própria vida.

Nesse sentido, essas falas estão “grávidas” de um novo jeito de viver que ficou expresso nas escritas, nas vivências e nas conversas cotidianas.

Os próximos registros nos encaminham para a compreensão da Educação Biocêntrica:

Foi o único espaço da Faculdade em que as pessoas se tratam de igual para igual, com um sentimento de carinho, afeto e contentamento estampado no rosto...

A importância de deixar tempo livre para fazermos só o que gostamos e nos desligarmos um pouco do agito de cada dia, pois estamos sempre correndo de um lado para o outro. Percebi que é possível superar medos presentes em cada um de nós, valorizar e verbalizar nossos sentimentos...

Aprendi que devo fazer o que sei fazer, sempre encarar os problemas de frente, aprendi a assumir o controle e assumir o Palco...

Talvez, palavras como igualdade vivencial, tempo livre, desligar do agito, superar medos dos velhos padrões e assumir o palco possam nos dar uma dimensão de totalidade que transcende as velhas maneiras de se viver nesta Universidade.

Um dos participantes, o “Camponês”, com a calma de quem não perdeu a conexão com a cidadezinha que vive encravada nas “coxilhas” nos embriaga com a dança poética do seu anúncio dizendo o que aprendeu:

A respeitar e ouvir as batidas do coração dos meus colegas,
A sentir de novo minha respiração,
A ver a beleza do céu, da terra, da lua, das estrelas, do mar,
lagos, peixes, pássaros e seus movimentos,

Aprendi que mesmo de brincadeira sigo o que fala o coração, faço a minha maneira da vida renascer uma canção, e lá tenho vontade de te ver, te querer, te abraçar, de correr pela areia, que vontade de amar vocês.

Aprendi que sou ser em eterna transformação, e que tenho muito ainda a aprender, que nada sei, muito pouco sei, mas para quem achava que tinha perdido a alma, que pensava que este mundo não tinha mais jeito, agora sinto mais do que nunca minha alma pulsar dentro de mim. São ainda pulsos fracos, mas sem dúvida vão se tornar mais fortes para modificar o mundo,

Deixei de ficar indiferente às coisas que acontecem em minha volta,

Enxergar a beleza de meus colegas,
Ouvir as batidas de meu coração,
Ouvir o eco dos meus passos,

Respeitar as diferenças

Vi o brilho de paixão nos olhos do meu amor,

Voltei a enxergar o brilho dos olhos de alegria dos meus amigos e amigas a enxergarem também suas decepções e tristezas, e tentei abrandá-las.

E assim vamos seguindo o ritmo dos dedos, com os toques sutis que marcam e demarcam as redes de diálogos realizados com os autores e as autoras vivos, que perambulam nas tardes e noites acinzentadas por diferentes ruas da cidade.

Olhares com novos jeitos de parir a vida, convites a muitas paradas, diferentes caminhos, ninhos, muitos encontros, infinitos jeitos de amar. Construir novos jeitos sem matar os velhos jeitos que fazem o novo, que se faz velho, para nascer uma infinita dança de transformação. Outros participantes foram percebendo que a Educação Biocêntrica:

(...) Não aprende em outras disciplinas. Nosso relacionar-se com o mundo, como tratar com as pessoas, como ser amigo, com o olhar que faz tanta diferença e tão bem e lembrar o quanto é importante e essencial.

(...) Vivências maravilhosas que com certeza levarei para toda a vida, me fizeram parar para analisar o que posso e o que não posso fazer, por me tornar uma pessoa mais calma e por me fazer ver o quanto são importantes são as pessoas que nos rodeiam.

A princípio posso dizer que fica uma saudade do encontro, do olhar, dos sentimentos que conseguimos construir juntos, mas é muito mais do que isso. Fica também muita alegria, muita paz, muita tranqüilidade e até diria tristeza. Tristeza não por mim, mas pelos muitos professores e alunos desta escola que não dão importância pelo que podemos vivenciar na grandiosidade desta disciplina...

Com tudo que apreciamos acima, ao tecer esses caminhos nas vivências pautadas no Princípio Biocêntrico iniciamos uma reflexão a respeito do que é o "cuidar da própria vida". Cuidar da vida de educandos em formação é cuidar do encontro do eterno vir a ser educador e educadora em processo de formação cotidiana. E educar e cuidar não significa superproteger com ações fechadas e isoladas. O educar e cuidar envolve estar atento a tudo que se passa na vida, é estar junto, é oferecer condições para o crescimento do outro, para que esse desenvolva as suas potencialidades adormecidas. É o gerar vida a partir da própria vida. Estar atento ao outro sem querer determinar o seu caminho. É caminhar ao lado com o outro percebendo o seu ritmo, que não é mais o ritmo individual, mas passa a ser o da relação. O cuidar e educar entendido como uma arte de encontrar o ponto do centro, de equilíbrio, de encontro, que envolve educador e a educadora e educandos e educandas em um processo de ser um eterno aprendiz.

Para entrar em sintonia com o universo dos educandos e das educandas foi preciso ter abertura para o universo que partilhavam. Ter coragem para viver junto as suas emoções, estar disposto para acompanhar suas idas e vindas, seus desvios, suas permanências. Para que isso acontecesse foi necessário sentir admiração e respeito por nós mesmos, pelos outros e pelo universo.

As aulas de Educação Biocêntrica não negaram as emoções, o prazer, a alegria, os sonhos que permitiram o pulsar dos diferentes conhecimentos construídos nos espaços de uma escola que ainda é incapaz de gerar vida. Mesmo assim, procuramos viabilizar o equilíbrio da razão e emoção que rompeu em nossas aulas com as abordagens fragmentadas e dualistas presentes e ou simbolizadas de várias maneiras nessa Universidade.

EPITÁFIO: Portos, labirintos, interrogações que ficam?

Caminhos, palavras, frases, poesias, momentos vividos, músicas, reflexões, anúncios, denúncias, outros cantos e encantos – é preciso saber viver, não ter a vergonha de ser feliz, cantar e cantar... viver, viver...³⁴.

“Deveria ter andado mais”,
Ter chorado mais,
Ter visto mais o sol nascer,
Deveria ter me arriscado mais,
E até errado mais,
Ter feito o que eu queria fazer,
Queria ter aceitado,
As pessoas como elas são,
Cada um sabe a alegria,
E a dor que traz no coração.
O acaso vai me proteger.
Enquanto eu andar distraído.
Enquanto eu andar.
Deveria ter complicado menos,
E trabalhado menos,
Ter visto o sol se pôr.
Devia ter me importado menos,
Com problemas pequenos.
Ter morrido de amor!
Queria ter aceitado a vida
Como ela é,
A cada um cabe as alegrias e a tristeza que vier.³⁵

Epitáfio significa inscrição tumular. Os titãs colocaram nessa linda melodia uma reflexão sobre a vida. Não deixe isso para o epitáfio, escreva hoje a história de sua vida, viva intensamente cada instante, como se não houvesse um amanhã.

³⁴ Música O que é que é? De Gonzaguinha.

³⁵ Música dos Titãs.

Portanto, viva mais, se culpe menos, e também culpe menos. Aceite a vida, ela é realizada por você. Repare mais naqueles que te rodeiam. Lembre-se que cada um é um ser diferente com suas virtudes e seus defeitos. Repare mais no sol, na lua, nas estrelas, nos pássaros, nas flores, nas borboletas, na beleza da natureza. Enfim, arrisque mais, chore mais, ria mais, brinque mais, namore mais, viva mais.

Nesse sentido, as nossas aulas foram constituídas por:

Aqueles e aquelas que buscaram encontros com a vida, com a liberdade, a criatividade, curiosidade, a harmonia – esses foram a maioria presente nos encontros.

Aqueles e aquelas que queriam trabalhar as dificuldades de se relacionar, de se expressar, de olhar, de tocar, de abraçar, de serem mais afetivos e aceitos nos espaços onde vivem.

Por último aqueles e aquelas que ali estiveram para cumprir as exigências do currículo e não conseguiram ser responsáveis pelo próprio caminho.

Ainda, ao final do semestre interrogamos - O que ficou dos encontros?

Cada participante escreveu os caminhos, organizando comentários, observações, sugestões que foram reveladoras dos processos vividos.

Em alguns desses fragmentos a ênfase anunciada foi:

As noites parecem mais leves, ao som das músicas alegres e relaxantes, em duplas, pequenos grupos, até mesmo num grande grupo como um todo, nos olhamos, sorrimos para os colegas... Perdemos o medo, rompemos com os tabus de encarar os colegas, de tocá-los, aprendemos a ter respeito.

Há muito tempo vinha procurando por isso, na verdade sempre pensei, apenas não conseguia parar. De uns dois anos para cá venho passando por algumas situações que me fizeram parar, desacelerar um pouco e rever meus conceitos sobre as diversas coisas, sobre a vida. Quem eu era? O que quero ser? Agucei mais meu olhar sobre as pessoas, consigo olhar, observar as pessoas mais do que elas representam, aquelas que tenho

contato, percebi que as conhecia pouco, embora fizesse parte da vida delas não conhecia a história delas...

Nas falas acima é possível perceber a necessidade da Escola ser um espaço de conexão com a fluidez, com a alegria, com o olhar, um espaço para romper com os tabus, com as discriminações. Diríamos aquilo que Rolando Toro³⁶ (2002:8) enfatiza em de seus escritos. “Aprender a aprender” estimulando a curiosidade e o interesse no processo de participar na construção do conhecimento. Ele enfoca dois momentos fundamentais: primeiro “aprender a sentir” para logo “aprender a pensar”.

Interrogamos como tem sido este processo nas escolas. Não terá sido o inverso? Será que existe sentir? Será que existe pensar? Não será simplesmente “decorar”, copiar movimentos?

Na segunda fala vem à baila a reflexão – “aprender a pensar” no próprio processo de formação, sobre as necessidades de desacelerar, refletir o cotidiano, aguçar o olhar sobre o mundo que nos cerca, sobre os conhecimentos, sobre a eterna pergunta sobre quem somos ou o que queremos? Para onde vamos? Onde queremos viver? Com quem queremos viver?

São reflexões iniciadas nas vivências que realizamos de “aprender a sentir”, viver o aqui e agora na Universidade, rompendo com a dimensão de transmissão de conteúdos, propondo aquilo que Rolando Toro (2002:8) enfatiza: “A construção do conteúdo conceitual se gera na inteligência afetiva em uma prática epistemológica vivencial”.

Ficam essas interrogações para outras possíveis viagens, delírios na construção de um mundo digno, justo e feliz.

Ainda, ficaram interrogações tais como - O que significa tecer redes de sensibilização criativa dentro de nossas Escolas? Será que existe sensibilidade dentro das instituições? Como os educadores, as educadoras olham para os universitários em formação? Como sentem seus cheiros, seu tato, suas interrogações, seus medos, suas certezas e incertezas? Será que as direções das Escolas e as Coordenações conseguem olhar nos

³⁶TORO, Rolando. **Educação Biocêntrica**. Curso de Formação Docente em Biodanza. International Biocentric Foudation, 2002. (Impresso).

olhos dos educandos e das educandas e enxergar a vida que ali pulsa? E os planejadores de educação do País, do Estado, do Município enxergam os diretores, as diretoras, os coordenadores, as coordenadoras, os educadores, as educadoras, as crianças, os pais e as mães? São encarados como seres que necessitam ser compreendidos, educados, cuidados e amados?

Os participantes têm consciência de que a biodanza é vida, que a educação biocêntrica não existe nas escolas, que é necessário transpor barreiras, romper muros e que não existe sensibilidade nas relações de vida na atualidade?

Assim é a eterna transformação, saudade dos encontros, do caminhar de peito e braços abertos. Lembranças da infância, do tocar e ser tocado, harmonia do grupo, falar a verdade, lembrar que chorar não é vergonhoso, paz, tranquilidade e tristeza.

A importância de reparar mais no sol, na lua, nas estrelas, nos pássaros, nas flores, nas borboletas, na beleza da natureza, enfim. Arriscar mais, transformar-se, chorar mais, rir mais, brincar mais, namorar mais, viver mais... Mas viver intensamente.

Essas palavras representam o aqui e agora de nossas aulas “de se querer”, como carinhosamente foram “batizadas” quando alguém queria saber se alguém iria a aula de Educação Biocêntrica perguntavam: — Tu vais a aula de “se querer” hoje?

Educar-se juntos, tempo para cuidar-se, assumir o palco da vida, relacionar-se consigo próprio, com o outro e com o mundo, ouvir o ritmo do próprio coração. Ver o brilho nos olhos dos colegas, compartilhar o cotidiano. Enfim, diríamos mil percepções, outras sensibilidades vivas, faceiras, não rotineiras a cantarem que um outro mundo é possível se a gente quiser viver o cosmos como nossa grande casa.

Por último nesse processo ficaram as vivências, as noites leves, os toques, os carinhos, as rodas de encontros, as descobertas, o crescimento interior, a harmonia, a integração, o respeito, os sentimentos aflorados, as emoções, as alegrias, os medos, a beleza de ser um eterno aprendiz, de viver e não ter vergonha de ser feliz conforme anuncia Gonzaguinha numa música. “E o mundo pode continuar em paz e ser feliz” como nos convida Rolando Toro.

BIBLIOGRAFIA

- ALVES, Rubem **Conversas com quem gosta de ensinar**, 19 Ed. São Paulo: Cortez & Autores Associados, 1987.
- CAVALCANTE, Ruth (Org.) et alli. **Educação Biocêntrica: um movimento de construção dialógica**. Fortaleza, 1999.
- DILTLHEY, Wilhelm. **Psicología y teoría del conocimiento**. México: Fondo de Cultura Económica, 1945.
- FIGUEIREDO, Márcio Xavier Bonorino. Et all. Tecendo redes de sensibilidade criativa: Biodanza. IN: NICOLAU, Marieta Lúcia Machado e MORAES, Marina Célia Moraes. **Oficinas de sonhos e realidade na formação da infância**. 2ed. Campinas/SP: Papirus, 2003.
- ROCHA, Almira. **Danças seqüenciais**. Recife: Independente, 1998.
- SILVEIRA, Marina Borges. **A arte como uma proposta de desenvolvimento humano na escola**. São Carlos, 2000. Dissertação de Mestrado. Universidade Federal de São Carlos.
- VECCHIA, Agostinho Mário Dalla. **Afetividade e ética**. Pelotas: Editora da Ufpel, 2001.
- TORO, Rolando. **Biodanza**. São Paulo: Editora Olavobrás, 2002.
- _____. **Teoria Biodanza**. Coletânea de Textos. Fortaleza: ALAB, 1991.

CRIADOR

Do esplendor
Profundo do Teu rosto
vem a sedução
de ser pleno

Nas ressonâncias
da Tua beleza...
suave movimento das águas
sutil palpitar da vida,
silêncio...
reverente
diante da Majestosa
Presença

O ascensional
caminho do desejo pleno,
rumo da luz,
da história,
abraça
a entropia
da minha corporeidade

Surpreendes
em caminhos da razão
no abraço erótico
no brincar da criança
na fluidez do riacho
no toque da brisa

Emerges nas fontes
nas saudades,
acenas nos horizontes
rubros do entardecer
dos nossos pais
dos avós

Divides conosco
a criação
inventiva
da história
e o parto
definitivo do homem
na consumação

Falas no vento
embalando o verde
repetir-se da vida
no potencial da semente
no broto, na árvore frondosa
na minúscula flor
sinal do Teu transbordar

Acaricias nosso rosto
na brisa da tarde,
alerta-nos
no raio e na tempestade,
descansas
no segredo
do coração amante

Anuncias o paraíso
no prazer do amor
na satisfação do olhar feliz
no afeto
na ternura
na música do nosso íntimo
na beleza da arte
no êxtase
da integração com o universo

Denuncias Teu
abandono no pobre
espoliado, nu e faminto
no deserdado...
Gritas diante das injustiças
desafias à luta
para a construção
do paraíso
na terra

Expulsas
os vendilhões do templo
e...
nas curvas do “rio”
presenteia com nova surpresa...
É Teu coração amante

No profundo do coração
Brilhas de intensa luz
Unido à minha estrela
canteiro de potenciais
regados nas minhas
lutas cotidianas

Alegro-me e me encanto,
balucio uma prece.
Mas não precisa...!
Sinto reverente
Tua suave presença
Tua intensa força
Teu denso esplendor
e silencio...

AGOSTINHO DALLA VECCHIA
PELOTAS, 9.9.1999